Da velha guarda republicana

— O ÚLTIMO QUE PARTIU

Artigo do DR. QUERUBIM GUIMARÃES

QUEM, como eu, tem no seu memorial histórico da vida política portuguesa, sua contemporânea, a lição das gerações que decorrem desde 1891 — ano em que, ainda colegial no Porto, senti, na semi-inconsciência de então para a inteligência a desabrochar, o primeiro choque dos variados conflitos políticos que a História regista — tira do realismo dos factos o conceito acabrunhante das mais amargas desilusões.

O escol, que exalta uma geração e cria um novo passo na marcha do Mundo, vive o sonho ideológico de uma realidade a atingir. Seguido, embora no fragor do combate, pela massa que se lhe agrega em alucinante gregarismo, dominada pela nevrose comunicativa das grandes exaltações proclamadas, sente, muita vez, o desânimo por ver frustada a vitória e quase sempre o amargor das mais cruéis desilusões mesmo perante o triunfo.

Alguns despedem-se da acção, abandonando o campo da luta e até o quadro doutrinário em que se formaram. Outros despedem-se da acção mas não abandonam a doutrina — permanecendo, porém, num isolamento confrangedor, fiéis ao seu velho ideal.

Há ainda os que vão além, entram no campo oposto como aderentes da última hora e passam ali a terçar armas, violentamente até, contra os que abandonaram e que, no antigo campo em que uns e outros combateram galvanizados pela mesma energia criadora, permanecem condenando o ostracismo a que esses se condenaram, ou a traição de que passaram a acusá-los.

A história política dos homens denuncia a sua versatilidade, está cheia de contradições dessas, que desabonam o seu carácter sempre que procedem por paixões mesquinhas, interesses inconfessáveis, solicitações rasantes de indignidades sem nome.

Quando a evolução do pensamento se deve ao reconhecimento do erro em que se vivia e o desinteresse material, flagrante, é escudo, a absolvê-los, a História não os condena.

Se o homem tivesse de permanecer fiel a um perconceito ideológico, embora reconhecendo-lhe o erro, não seria digno do respeito do Mundo, nem mesmo digno do seu próprio respeito. Se o homem tivesse de viver amarrado a tal escravidão do erro reconhecido, não seriam possíveis as grandes conversões que, em matéria religiosa, levam à glória dos altares e, na liça mundana da vida, à consagração das pátrias.

Bem se compreende, assim, o grito íntimo da consciência perante a responsabilidade do erro em que se viveu e se fez viver os outros.

E' dolorosamente convincente aquela confissão de Ramalho — como Eça demolidor por irreverência de um criticismo cruel de que foram ambos pioneiros ousados e que desorientou os espíritos: «*Fomos demolidores,* — confessou Ramalho — *negativos, dissolventes. Nada respeitámos, nada soubemos salvar; e as ruínas que hoje deploramos devem ser atribuídas ao desvario mental e aos erros dos homens do meu tempo.*»

Foi essa a geração derrotista do último ciclo da Monarquia, que criou o ambiente em que germinou a semente da idade republicana.

A liberdade é sedutora, mas perigosamente sedutora. Perturba os espíritos, quebrando-lhes

Continua na página 3

OUTONO NA RIA

DESENHO DE ZÉ PENICHEIRO

Um grande poeta minhoto e um ilustre aveirense, quase esquecido

JOÃO PENHA e o DR. JOAQUIM de MELO FREITAS

ARTIGO DE MANUEL LAVRADOR

1

Em gozo de bem merecidas férias, numa tarde de Junho último, cálida, raios de sol a brilhar intensamente, a luz beijando as faces afogueadas dos transeúntes, esbodegados pelo calor, subia eu, em companhia dum amigo, cavaqueando, no elevador do Bom Jesus do Monte. Íamos transpirando por todos os poros e desejosos de respirar um ar fresco. A aproximação de tão pitoresco como agradável local começava a dar-nos o prazer da frescura do ambiente, que refresca o espírito e o corpo de quem para ali sai da vizinha *Cidade dos Arcebispos,* então a suportar os efeitos desse intenso calor, sem aragem reconfortante, para lá os atenuar.

A talho de foice da nossa cavaqueira — como soe dizer-se — veio-nos à lembrança a passagem outrora, também por ali, de pessoas ilustres, que marcaram lugar de destaque na sociedade dominada pelo Romantismo da sua época. Por ali passou Camilo, com o seu extraordinário talento a fazer «*o seu pé de alferes*» às damas românticas, de corações palpitando de amores e... desejos! Disfarçadamente, o grande romancista por lá andou a menosprezar a dignidade de maridos e pais, vítimas de suas leviandades audaciosas, que eram caprichos duma vida irrequieta e ambiciosa de prazeres.

Pelo Bom Jesus do Monte, andou João Penha, o grande poeta minhoto, que, sendo natural de Braga, por lá viveu advogando inteligentemente, depois de, em Coimbra, moço boémio e laureado cultor das musas, ter julgado, nas manifestações dos folguedos da boémia e em prosa e verso, o vinho, *consolador dos tristes,* o melhor remédio, para todos os males e a sátira o pior castigo, para todos os ridículos. Feito homem de leis, para ir advogar na capital do Minho,

Continua na página 3

assuntos dos jornais & assuntos locais

ARTIGO DO DR. ALBERTO SOUTO

O que se passou com o pedido de autorização do empréstimo municipal de 10 000 contos, formulado pela Câmara de Aveiro em Setembro de 1960, é edificante e constitui um dos dois casos que me vieram à lembrança quando li em «O Comércio do Porto» aquela tirada de oratória grega do sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva com que, na minha ausência, me atacou, no Governo Civil, na posse da véspera de S. João, acusando-me de ter «*criado uma panorâmica desarticulada e imprecisa com a pujante exuberância das minhas concepções que esbarraram na restinga da disciplina da administração ficando no inacabado, no esboço e no anseio.*»

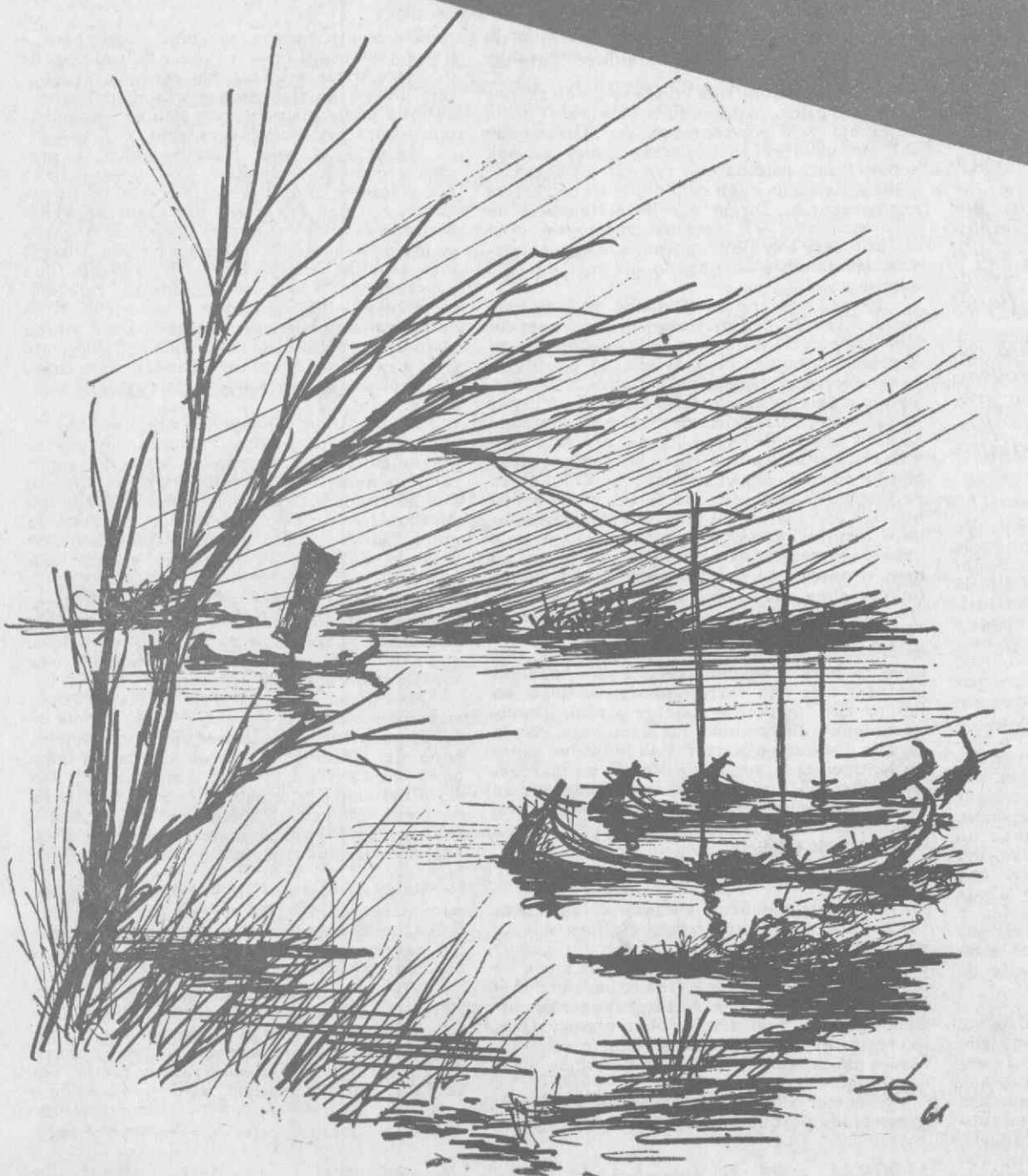
Felizmente as minhas concepções não esbarraram contra nenhum processo fiscal como o do Grémio da Lavoura de Estarreja que, sob a presidência do mesmo sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, e segundo me informam, teve de pagar uma multa de 45 000$000, depois de condenado na 1.ª instância e mesmo depois de julgado em recurso.

E felizmente que, ao contrário da indesculpável atitude do sr. Governador Civil, o «Diário do Gover-

Continua na página 9

Angola do Presente e do Futuro

O SENTIDO DAS NECESSIDADES E O SENTIDO DAS REALIDADES

Por M. LOPES RODRIGUES

6

As comunicações de ordem psicológica e às disposições de ordem legal há dias anunciadas pelo sr. Ministro do Ultramar, conducentes e alterar e, em certos aspectos, a reformar, de maneira oportuna e decidida, parte preponderante da estrutura da nossa política ultramarina, medidas estas que mereceram o aplauso unânime da Nação — sempre ávida de acertadas e novas resoluções — sucederam-se, a bem curto intervalo, as efectuadas pelo sr. Ministro de Estado Adjunto, sobre a livre circulação de mercadorias e sobre o sistema de pagamentos inter-regionais do espaço português — disposições estas de não menor transcendência e importância que aquelas, uma vez que se entrelaçam entre si, na mesma intenção e valia, na vigência e na conduta futura da vida da Nação.

Com o devido relevo e admiração devemos registar, como apontamento preliminar, os propósitos destes jovens estadistas — os mais novos do nosso actual Governo — conscienciosamente devotados ao estudo e à resolução dos problemas que, na razão das funções públicas que exercem, lhes estão afectos. Pelas suas excepcionais qualidades de inteligência e aptidão — de que são testemunho a maneira brilhante e prestigiosa como se têm desempenhado nas suas actividades governativos — vêm disfrutando, muito justamente, gerais aplausos no meio das circunstâncias difíceis e febris que atravessamos, que não poupam trabalhos nem sacrifícios.

Nós, os da província — que todos somos povo e Nação — estamos também presentes, com as nossas esperanças e com os nossos incitamentos, na renovação das ideias e no desenvolvimento da nossa política, seja qual for o sector em que se manifeste e seja onde for que ela actue.

À sucinta apreciação que tivemos ensejo de fazer às comunicações e aos diplomas do sr. Ministro do Ultramar, já que as contingências da nossa actividade profissional fizeram com que não nos passem despercebidos certos aspectos da nossa vida ultramarina, damo-nos, por igual motivo e em idêntica objectividade, a anotar, por agora, a comunicação do sr. Ministro de Estado Adjunto, pois a matéria, por ter o seu quê de complexo, exige mais atenta e cuidada apreciação.

Não obstante a grande valia do enunciado e do disposto nas bases, já publicadas, que servem de esquema às resoluções tomadas e à condução do que se pretende, sem dúvida de relevante alcance, a nossa mente debate-se com certas conjecturas, à margem dos algarismos, das estimativas e dos cálculos, naturalmente comezinhas, mas, talvez por isso mesmo, de não menor importância e fundamento.

A nosso ver, o problema mais grave, que tem sido, aliás, um problema de todos os tempos, o que mais dificulta a consecução das directrizes consebidas e planeadas e muito embora os termos, nitidamente políticos, em que as questões são postas, é encontrarem-se os necessários elementos actuantes e dispô-los em linha de acção.

Há, positivamente, pelo Ultramar além, muitas posições acomodatícias — o que é, diga-se, coisa vulgar em todas as situações políticas e administrativas — quadros com excessivas unidades, com muita «mão-de-obra» improdutiva, com muita «matéria humana» cuja actividade não tem contravalor reprodutivo, que são indiferença e atavios às reformas e às intenções legislativas, como há escusadas e enervantes perdas de tempo e demoras resolutivas com as excessivas burocracias, com lentas apreciações, tardios pareceres e ronceiros estudos de gabinete a deixarem-se ultrapassar pelas conveniências e pelas oportunidades, e que, no seu todo, constituem a causa fundamental das dificuldades apontadas, sendo imprescindível «colonizar» esses elementos, colocá-los onde, de facto, sejam úteis às determinações governativas e à produtividade geral, para que o seu trabalho seja, de facto, na emergência, um capital conveniente a proporcionar pleno rendimento na sua utilização.

É, naturalmente, na consequência do peso dos encargos financeiros que esta «população» absorve (cujas altas remunerações fizeram com que se tornasse excessivamente cara a vida doméstica no Ultramar,

Continua na página 6

Terras de Aveiro

....

O Rio Vouga é um fino esteta!
Nos seus caprichos derradeiros
Troca os salgueiros
Pelo cortejo, em linha recta,
Duma floresta exuberante
E mais adiante
É acompanhado
De um e outro lado
Pelos chorões
Que se derramam, em comoções,
Sobre a corrente
Como a chorar — alma que sente —
O drama intenso, o fatalismo
Do veio d'água a entrar no abismo!

....

....

Ria de Aveiro
Oásis do Mar
Onde o primeiro
Aventureiro
Do velho antanho
Criou alento,
Deu tenho ao vento
E vento ao lenho
Para singrar!
E foi tão longo
Esse cruzeiro
No Mar-sem-fim
Que João de Aveiro,
Depois do Congo,
Entra em Benim!

....

Jessé de Almeida

"A Procissão de Santa Joanna em Aveiro"

REPRODUZIMOS neste número do Litoral *uma gravura curiosíssima do desfile da procissão de Santa Joana Princesa, publicada no n.º 8 do semanário ilustrado* Branco e Negro, *de 24 de Maio de 1896.*

Naquele ano, o famoso cortejo, que usava realizar-se com inexcedível compostura e extraordinária imponência, foi presidido pelo Bispo de Coimbra e Conde de Arganil D. Manuel Correia de Bastos Pina.

Um redactor do semanário lisboeta, que escondeu o seu nome sob o pseudónimo de «Tobias», fez acompanhar a gravura das seguintes «notas sobre o joelho», que escreveu «em Aveiro, aos 17 de Maio»:

★

«Dia alegre de sol. De todas as bandas, por estas estradas claras que desembocam na pittoresca cidade do Vouga — a Veneza lusitana, chamada — ranchos de aldeãos em trajos domingueiros, affluem em ondas, logo de manhãsinha, espalhando-se pelos quatro cantos da cidade, emquanto a procissão não sai p'r'á rua. Aveiro, hoje, tem um aspecto desusado de gala. Pelas janellas, rostos sorridentes inclinam-se; ouve-se um chalrar estridulo; anda no ar uma musica festiva, um zumbido de romaria, que parece ennovelar-se n'esta atmosphera translucida e azul, fazendo-nos correr nas veias, mais apressado e fogoso, um sangue rutilo de folgança jovial.

Borda da Ria abaixo, até às *Pyramides*, quer pelo lado da *Ponte da Dobadoira* quer pelo Rocio inundado de sol, grupos passeiam, os que não couberam em Jesus, na antiquissima egreja rendilhada, e que por este calor, que parece sahir de um forno a arder, preferiram a alegre brisa que vem do mar e que refresca o corpo como um suave banho de delicia.

É curiosissima esta cidadesinha clara, por um dia d'estes. Aproveito a ocasião da festa de egreja para vêr aspectos. As marinhas de sal, em quadrados regulares, luzem ao sol, separadas da estrada que vae dar à Gafanha e d'ahi à Barra, por um renque de tramagueiras verde-escuras. Dizem que ha abundancia de sal, este anno, — o que me parece de bom augurio para este povo morno, que só é expansivo em familia, ou quando diz mal da vida alheia.

Parece um grande taboleiro de jogo, esta vasta extensão das marinhas que se desenrolam a perder de vista, com reflexos que cegam. É preciso attender bem ás leis do equilibrio para se conseguir andar pelas linhas divisorias. Venho d'ali encantado; e, se não fosse o dever profissional, eu seguiria de bom grado estrada adiante, n'aquelle silencio do dia alto, até á Barra, que fica a uns cinco kilometros. Mas não ha remedio senão retroceder. Volto outra vez pelas Pyramides, que ficam como sentinellas á entrada de um lago onde a ria desemboca, espraiando-se, ramificando-se em dois braços — um que vae desaguar ali perto, ao mar, o outro que é a continuação do Vouga lá p'ra cima, p'r'ás serranias da Beira-Alta. Demoro-me ainda um pouco sobre a *Ponte da Dobadoira*, assim chamada porque a ria forma debaixo do arco redemoinhos perigosos, por onde os barcos devem passar com o maximo cuidado, p'ra não correrem o risco de ir ao fundo. Este ponto é realmente bonito. Domina-se todo o bairro novo do Matadouro, com a capella dos Santos Martyres ao fundo, no canto de lá, encostada aos arvoredos; e na margem d'esse braço da ria, que se mette pelas terras dentro, um moinho sem velas, parado e morto, estende no ar os braços descarnados, numa desolação de silencio.

★

Dou uma pequena volva à cidade, pela Corredoira acima, até Jesus. Suffoca-se. As ruas estão cheias de gente. Ha um rumor longinquo de povo que ondula, n'uma ansia de arranjar um bom lugar á frente, para vêr melhor. A procissão este anno promette ser luzida. Melhor. Não perdi o meu tempo. Que, de resto, eu não o tinha perdido e considerava-o até já muito ganho pelo que tinha visto de pittoresco até est'hora.

Silencio. Parece que começam a sahir as irmandades porque vejo cabeças debruçadas para a frente, na rua, em todo o percurso, e pelas janellas, d'onde pendem colgaduras de damasco, ricas e lindas, em verdade. Ageito-me um pouco mais para vêr tambem; acotovelo os meus visinhos, que não se impacientam. Abro um sorriso agradecido.

Já vejo, já vejo. Effectivamente, a procissão começa a desfilar. Não posso fixar precisamente a ordem porque vae. É imponente, é o que se pode dizer. Fluctuam ao vento da tarde as opas das confrarias e abrem claros na multidão as sobrepelizes dos padres. D'algumas janellas atiram flores. É o pallio que passa, agitando os seus doirados que reluzem. O povo ajoelha, reverente e contricto. Ergo então um pouco a cabeça e tiro para a minha vista um aspecto bizarro de toda aquella gente com a espinha dobrada e olhos no chão, como se o resplendor da mitra e da custodia a cegasse.

É então que consigo descobrir ao longe o andor de Santa Joanna Princeza, ondulando gravemente, com a grande capa de setim cahindo para traz, em longas prégas. Faz-se um movimento. Vae longe o pallio. Ha um desabafo; começa-se a conversar em volta de mim. Falla-se muito no sr. Bispo-conde que veio de Coimbra de proposito assistir aos festejos.

— Aquillo é que é um pedaço d'um homem! diz ao meu lado uma mulhersinha, com um ar unctuoso de quem lambe os beiços.

E é. Vejo-o lá adiante, dominando toda aquella maré cheia de cabeças.

Mas a palestra continua, animada, como se estivessemos em familia, à meza, depois de comido o primeiro prato regado pelo primeiro copo de vinho. A festa de egreja foi uma coisa nunca vista, dizem. Ainda assim, não sinto remorsos de lá não ter estado. A festa da natureza, cá fora, tambem era bem bonita e com um leve toque religioso que descia da atmosphera, onde pareciam correr fumos de incenso.

A procissão vae já a dobrar a esquina para a rua Direita; já se não vê o andor da Santa, nem o pallio; apenas as sobrepelizes dos padres abrem claros na multidão e as opas das confrarias fluctuam.

Nas janellas, conversa-se, ri-se. O povo começa a agitar-se p'ra seguir o radiante cortejo. Deixo o meu poiso. Estou a suar em bica. Linda coisa, palavra, esta procissão annual. Trago impressões de um grato encanto. Em verdade, penitenceio-me aqui publicamente

Continua na página 7

O venerando e saudoso Doutor António Luís Gomes recebendo uma significativa ovação dos aveirenses, quando, nesta cidade presidiu, no dia 6 de Outubro de 1957, à sessão inaugural do Congresso Republicano do Distrito de Aveiro

Da Velha Guarda Republicana — O último que partiu

Continuação da primeira página

a disciplina compulsiva dos seus excessos. Dessa liberdade assim incontrolada nasce a licença de um criticismo delirante que fez mergulhar na insatisfação a geração dos vencidos da vida, julgando-se vencidos pela tirania de um conformismo humilhante. Daí o seu inconformismo, que os levava à destruição total de todos os fundamentos de uma ordem constituída em benefício comum da grei. Costumes, tradições, fé religiosa, disciplina moral da inteligência — tudo isso se abateu, por serem barreiras para a irrupção mítica de uma liberdade sem freio. Assim, no andar dos tempos se fizeram ruir as instituições da ordem tradicional e das hierarquias sociais.

Neste ambiente derrotista de uma sociedade a carecer do martelo demolidor, germinou o espírito revolucionário dos pioneiros da República que formaram o quadro renovador de uma Pátria a salvar, que viam esboroar-se em ruínas. Mas esses que lutaram pelo advento da Nova Idade sentiram fustigadas também as suas carnes pela inclemência irreverente do mesmo mito liberal — essa Liberdade deificada que, no dizer de um crítico da História, «devora os próprios filhos».

Aqui, como em toda a parte, houve dessas vítimas dos que entraram de novo na liça, e em tropel os maltrataram. Lembro Basílio Teles e Sampaio Bruno, doutrinadores esquecidos.

Compreende-se, assim, o retraimento desses e doutros, como Guerra Junqueiro, isolando-se, remordidos pelas responsabilidades nos destroços que presenciavam, nos dissídios sanguinolentos desencadeados que os entristeciam.

A grande figura da Democracia que há pouco partiu para o Além — António Luís Gomes —, avançada em anos e intangível no seu aprumo moral, também sofreu desilusões e agravos, mas nunca perdeu a fé no seu ideal de sempre e, sempre que reclamavam a sua presença, comparecia — firme, erecto, digno, nobre, leal nas críticas, respeitador e tolerante para os adversários.

Seu adversário em ideias, sempre também admirei a sua alta figura moral.

Perante o seu túmulo me curvo, respeitoso.

Querubim Guimarães

O Preço do Sal

Em correspondência de Aveiro, datada de 18 do corrente, o «*Diário de Lisboa*» de segunda-feira passada publicou, sob o título *A safra do sal não foi abundante*, a seguinte notícia:

«Terminou a safra do sal, uma das mais importantes e características actividades da Ria de Aveiro.

A produção deste ano, mais abundante do que os temporais, a certa altura, deixavam prever, não é, todavia, compensadora das deficientes produções anteriores e dos estragos causados nas marinhas.

Os produtores salineiros, e especialmente os marnotos, que tem sofrido grandes prejuízos, aguardam ansiosamente que o preço do sal, de há muito desactualizado, seja revisto e estabelecido com equidade».

Um grupo de marnotos, enviou há dias ao sr. Secretário de Estado do Comércio um telegrama redigido nestes termos:

«Terminada safra salineira, nada compensadora produções anteriores por virtude temporais Julho, que causaram grandes estragos marinhas, marnotos Aveiro cumprimentam muito respeitosamente V. Ex.ª e pedem encarecidamente pronta actualização preço sal fino, como de justiça.

Aumento concedido no ano passado, além de insignificante, não foi sequer pago na totalidade.

Desde há anos constantemente lesados, marnotos Aveiro, que se orgulham ser portugueses trabalhadores e dignos consideração, lamentam desprezo seus legítimos direitos e interesses por parte serviços competentes e esperam esclarecido espírito justiça V. Ex.ª imediata fixação preço razoável produto, não inferior trezentos escudos tonelada, que aliás nada afecta consumo.

Desde já se confessam muito gratos a V. Ex.ª deferimento justíssima pretensão».

Subscrevem este telegrama uns trinta marnotos do Salgado de Aveiro — gente sã, honesta, trabalhadora, da mais honrada, ordeira e paciente que conhecemos, ainda que um funcionário superior da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos que esteve nesta cidade se tenha permitido, ao que nos informam, afirmar que os marnotos aveirenses são «gente de taberna»!

Chamamos para o facto a esclarecida atenção do sr. Secretário de Estado do Comércio. Prejudicar sistemàticamente os pobres marnotos, recusando ao seu duríssimo labor a justa compensação que merece, e, ainda por cima, injuriá-los, parece-nos que excede todas as marcas!

O que a produção salineira insistentemente tem pedido é absolutamente razoável: que para o sal fino dos salgados de Aveiro e da Figueira da Foz, de características muito diversas dos restantes, seja fixado um preço *escrupulosamente justo*.

Não obstante, e tal como sucedeu no último ano, têm-se levantado das eiras consideráveis quantidades de sal, antes da época fixada para os levantamentos e antes de actualizado o seu preço *em conformidade com o custo da produção e o resultado da safra*, para não falar já do aumento do custo da vida!

Dizem-nos que na Figueira da Foz os produtores salineiros se recusam a entregar o sal enquanto não for revisto o preço *com justiça*; e que alguns comerciantes menos escrupulosos — os que sempre lucram com a miséria dos produtores! — em face de tal recusa, têm oferecido pelo sal preços muito superiores aos legalmente fixados! Isto significa que o comércio pode bem pagar o sal por preço mais elevado do que o incompreensivelmente estabelecido para a produção!

Continuamos a crer que o Governo, e designadamente o ilustre Secretário de Estado do Comércio, cujas altas qualidades de inteligência e de carácter são sobejamente conhecidas, têm o maior empenho em resolver o problema do preço do sal *com acerto e com justiça*.

Mas importa fazê-lo quanto antes, para que o reajustamento do preço não surja, tal como sucedeu no ano passado e como começa a suceder este ano em Aveiro, depois de escoadas grandes quantidades de sal.

Estamos *seguríssimos* da absoluta justiça da pretensão dos produtores salineiros de Aveiro e da Figueira da Foz, e conhecemos *perfeitamente* o descontentamento que entre eles lavra e cujas consequências podem ser deploráveis. Por isso é que, no cumprimento de um dever a que a Imprensa não pode furtar-se, sobretudo quando a gravidade do momento impõe uma sólida *unidade* que só pode conseguir-se através de uma recta *justiça*, insistimos em pedir ao sr. Secretário de Estado do Comércio que, desembaraçando-se dos enredos incompreensivelmente levantados pelos Serviços, se digne acudir à situação dos produtores salineiros dos salgados nortenhos fixando para o sal fino um preço *justo*.

A situação não se compadece com as comprovadas demoras da reorganização da actividade salineira — como, aliás, o ilustre membro do Governo, no ano passado, reconheceu.

Apraz-nos reafirmar que confiamos *absolutamente* na clarividência, na probidade, no espírito de justiça e, também, no dinamismo do sr. Secretário de Estado do Comércio, a quem nos é grato renovar os protestos da nossa muito elevada consideração.

Um grande poeta minhoto e um ilustre aveirense, quase esquecido

João Penha e o Dr. Joaquim de Melo Freitas

O Poeta João Penha

Continuação da primeira página

abandonou saudosamente o seu cenáculo literário, na lendária Lusa Atenas, onde, perante considerável número de estudantes literatos, pontificou e fez reinar a hilaridade de seus improvisos, cheios de chiste e sarcasmo; onde gozou do prestígio de triunfos literários dos mais notáveis daquela época coimbrã, em companhia de poetas já apreciados — Junqueiro e Gonçalves Crespo, aquele então uma radiosa esperança da beleza do lirismo, mais tarde feita brilhante realidade com a publicação de «*Os Simples*».

Não mais cantou João Penha, na sua terra-natal, o vinho *consolador dos tristes* e o fel, a amargura deles; não mais glorificou os paios e os presuntos de Lamego como símbolos culinários da filosofia, do seu estro; não mais as faces cor de cereja das andaluzas e o trinar harmonioso e enternecedor dos rouxinois dos salgueirais do poético Mondego deram inspiração para a poesia da sua lira, que deixou de dedilhar para ser um homem em serviço judiciário, nos auditórios da comarca bracarense. Lá, passou a escrever, em papel selado, os articulados com as caturrices dos clientes, para os tribunais, em vez de versos, em papel comum, com a graça da sátira e a beleza do lirismo, para os admiradores do seu talento, no campo da Literatura.

Recordei-o, então, ao meu amigo, quando chegámos ao Bom Jesus do Monte. Como poeta e jurisconsulto minhoto, estava bem presente na minha memória, pela recordação dumas notas, pouco tempo antes tiradas dum pequenino volume de Alberto Pimentel — «*Os Poetas do Minho*», que lhe é inteiramente dedicado e que me veio às mãos ao mudar, do Porto para Aveiro, a pequena biblioteca de meu filho.

Dessas notas, por lhe achar graça, respigo algo da vida do moço boémio e poeta, em Coimbra, e do advogado que, depois em Braga, e sem poder usar de sátiras, à Bocage, como seria seu desejo, aturou pacientemente as caturrices impertinentes dos clientes, em questões de águas e de outras, que teve de estudar e defender com perspicaz atenção às determinações dos códigos...

Na cidade universitária, numa aula de Pinto Lambaça, improvisou João Penha este epigrama:

Em pé, diante do Brito,
Dá lição Pinto Lambaça:
Parece a voz do Infinito,
A sair duma cabaça!

E este outro, dirigido ao nariz vermelho duma figura conhecida no meio académico:

Tamagnini Encarnação
Tem na ponta do nariz
O colorido feliz
Duma rosa do Japão.

A gastronomia do lente Dr. Sanches da Gama também não escapou ao sarcasmo de Penha, que assim a atingiu:

Dizem que o Sanches embirra
Que lhe vão pedir dispensa.
Forte asneira!

Conclui na sétima página

[illegible] na DELFÍADA de COIMBRA

CONTINUAÇÕES DA ÚLTIMA PÁGINA

SVEN EVANDER declarou-nos:

independente da Universidade, fundado em 1932 por um grupo de estudantes, e que se não dedicava exclusivamente à representação de dramas da Antiguidade Clássica. Já com larga experiência de actuações além fronteiras, tomara parte nas Delfíadas de 1955, 57 e 59, respectivamente na Alemanha, Itália e Inglaterra.

Quisemos saber como Sven Evander encarava, pessoalmente, os festivais délficos. Depois de concentrar-se um pouco, respondeu com gravidade: «Considero as Delfíadas um esplêndido meio de aprender de maneira directa acerca de outros países e povos, da sua maneira de ser, ideais e perspectivas culturais».

Precisando, continuou: «Cada membro do grupo sai do seu país animado de um grande desejo de representar condignamente a pátria num certame internacional e, ao mesmo tempo, de aprender por si e não pelos livros algo de novo na arte de representar e no capítulo do convívio humano e da fraternidade entre os povos. Assim, cada membro é, a um tempo, embaixador intelectual da comunidade nacional a que pertence, vergado ao peso dessa responsabilidade, e ser humano receptivo a um ambiente novo.»

À medida que se entusiasmava, o inglês de Evander ia-se tornando mais preciso e cuidado, embora mais hesitante. Percebemos nitidamente o seu interesse em dar uma ideia clara do que sentia. E nem sequer a algazarra da orquestra, que insensivelmente nos fazia elevar a voz mais e mais, parecia distraí-lo. Assim, deixámo-lo explicar-nos como ele e os seus colegas tinham vindo à Delfíada de Coimbra, como às anteriores noutros países, com a intenção firme de mostrarem do que eram capazes de realizar em matéria de encenação e interpretação do espírito clássico e, ao mesmo tempo, curiosos de saberem o que os outros grupos podiam fazer no mesmo campo.

Satisfeitos com o depoimento Evander sobre o espírito com que vinham às Delfíadas, passámos a interrogá-lo sobre um aspecto que particularmente nos tinha interessado durante a representação da «Andrómaca», ou seja, da total ausência de cenário. Procurámos ainda obter dele uma valorização comparativa, perguntando-lhe como sentira a encenação da «Antígona» (T. E. U. C.), de «Agamemnon» (Collegium Delphicum de Mogúncia) e das «Coéforas» (Groupe de Théatre Antigue de la Sorbonne) em relacção à «Andrómaca», no que se refere a encenação e processos de iluminação. Cabe aqui elucidar que principalmente os portugueses, mas também os alemães e os franceses se socorreram dos artifícios cénicos, musicais e luminosos ao passo que os suecos utilizaram um *décor* linear, sem mutações, apoiando-se mais na movimentação justa e segura. Eis o que apurámos: «A ausência de cenário nas peças clássicas — e Racine é, para mim, um intérprete fiel do espírito da Antiguidade — é um imperativo ditado pela sua própria índole. Em cada peça há um centro à volta do qual se movem todas as personagens, e para o qual converge toda a intensidade dramática. Esse centro de interesse dramático deve ser compreendido sem outra ajuda que não a do calor humano e dos recursos expressionais e dramáticos de cada actor. O carácter hierático leva para um plano íntimo e quase intelectual todo o entrechocar de paixões. Há, acima de tudo, nessa ideia central a desenvolver, uma história a contar, para o que o estilo e o ritmo de representação têm de ser discursivos e estáticos. A representação que lança mão de um cenário mais ornado fá-lo por seu próprio risco, numa tentativa muito sua de encarar o espírito clássico e de aliciar o espectador moderno, pouco afeito à esquematização.» Ouvimos em seguida que os jovens suecos, até porque lutaram com as dificuldades inevitáveis no transporte dos elementos de um *décor* completo desde a sua longínqua pátria até nós, se abstiveram da utilização dele, apresentando a peça mais como drama intuído do que como acção estreitamente ligada ao desenvolvimento de um enredo e precisando, portanto, de um sustentáculo físico e cenográfico.

Ficámos plenamente satisfeitos com a explicação dada por Evander, como o tínhamos ficado três dias antes com a exemplificação, no palco, das teorias e razões agora expostas.

Quisemos ainda felicitar Evander por ele e o seu grupo terem levado a cabo com pleno êxito a árdua tarefa de se imporem a um público que, fora raríssimas excepções, desconhecia por completo o idioma em que se exprimiam e, no entanto, lhe prodigalizara abundantes palmas, para além até do moderado calor dos aplausos comandados pela mais elementar cortesia e leis da hospitalidade. Ficámos encantados com a simplicidade com que um sueco recebe elogios, quando ele nos respondeu, com o ar mais natural do mundo: «O falarmos um idioma para vós desconhecido até foi um factor positivo, porque nos obrigou a um maior esforço no sentido de nos superarmos a nós próprios em matéria de encarnação nos papéis e no espírito da obra».

Dado o adiantado da hora e imaginando que Evander estaria ansioso por se juntar aos outros délficos naquelas últimas horas de confraternização, quisemos apenas saber a opinião do jovem sueco sobre Portugal e os portugueses. Uma vez no plano meramente humano, Sven pôs-se absolutamente à vontade, abriu-se-lhe todo o rosto num sorriso e foi em frases curtas e quase interj-ctivas que nos respondeu: «Desde o momento em que pisei solo português, senti-me envolvido por uma atmosfera de boa-vontade. Todos nós nos sentimos genuinamente bem vindos em todo o lado. Vocês, portugueses, são um povo essencialmente cordial (warm-bearted), dotado de uma tocante espontaneidade e calor humano. Vocês riem com vontade e, quando apertam a mão, fazem-no com todo o vosso ser, entregando se sem reservas. Acho que são mais abertos e calorosos do que qualquer outro povo latino dos que conheço.

Embora desejássemos prolongar mais a conversa, compreendemos que não era justo privar Evander daquelas últimos horas, despedindo-nos dele com os melhores votos de um futuro cheio de sucessos para o seu grupo.

Mais tarde, já madrugada quase, e ao ouvirmos as vozes de dezenas de rapazes e raparigas entoando a velha e tradicional canção escocesa de despedida «Should auld acquaintance be forgot and never brought to min'», vieram-me imediatamente ao pensamento as últimas palavras do Dr. Paulo Quintela no discurso de encerramento do festival: «Ata est flamma». Em ambos o lema do espírito délfico, no plano intelectual como no plano humano: irmanados num património de cultura comum, todos os povos compreendendo-se e respeitando-se como facetas diferentes da mesma humanidade.

Falando com o sr. MOINARD

uma semana de trabalho artístico, nos deram mais uma lição de autêntica camaradagem fraterna. Os idiomas diversos não constituiram barreiras e o convívio são e honesto foi uma das notas mais frisantes desta Delfíada, que, quanto a mim, foi das que conseguiu realizar-se mais plenamente.

Ao partir para França, posso afirmar que este Festival Internacional de Teatro Universitário foi o que maior nível artístico atingiu e, por esse motivo, aquele que mais indelèvelmente ficará gravado na minha memória.

Palavras do Prof. Doutor PAULO QUINTELA

marão este belíssimo êxito, acrescentarão ainda a variedade destas experiências e dos sucessos alcançados, todos tão originais, e completarão esta troca internacional de pensamentos e de impressões, muito mais profunda quando se exerce assim por meio da arte dramática do que quando se busca pela discussão, como na maior parte dos outros congressos. Sim, é consolação bem grande, numa época que diz tanto mal da sua juventude, verificar que estudantes portugueses, alemães, suecos, italianos, ingleses, franceses puderam reunir-se, e encontrar na representação de algumas muito grandes obras dramáticas o melhor meio de comunicar uns aos outros as suas interpretações da vida humana e do destino, julgando sem dúvida que não existe, para gente moça, via mais segura para os grandes problemas do que a contemplação da beleza e o pôr à prova do seu gosto. Digamos muito simplesmente que depois de ter visto os espectáculos de Coimbra e de ter vivido vários dias a vida dos grupos que os levaram à cena, se ganha confiança na juventude de hoje e se aprende a amá-la.»

Por mim, eu quero dirigir expressamente aos jovens da minha terra as palavras com que, ao encerrar o festival, saudei «os rapazes e raparigas que do Norte ao Sul da Europa a nós vieram com a sua arte alheia a todo e qualquer espírito de competição, desinteressada e séria, culta e confiante, com a sua alegria e com a sua vontade e o seu inultrapassável exemplo, precioso entre todos, de espírito de compreensão humana.»

Coimbra, 19 de Setembro de 1961

Entrevista com JEAN PIERRE MIQUEL

TERNACIONAL DE TEATRO UNIVERSITÁRIO.

— Acha então, Jean Pierre, que valeu bem a pena vir a Portugal? — perguntámos nós.

— *Vou ser honesto: tinha uma péssima impressão de Portugal. Para mim, a Europa terminava nos Pirinéus. Mas sinto agora quanto estava enganado.*

— *E eu também!* — Acrescentou um rapaz que não conhecíamos, mas que nos foi apresentado pouco depois, por Jean Pierre: era Henry Czarniak, um jovem parisiense, de ascendência eslava.

— *Pensava vir encontrar uma juventude hermética, tímida e receosa. Era uma má impressão que eu tinha, aliás corroborada por todos os meus colegas.*

A verdade é que encontrei jovens que pensam livremente, ainda que não actuem tão do mesmo modo. Neste aspecto, acho a vossa juventude muito diferente da nossa.

A conversa com Jean Pierre Miquel tinha-se alargado. Nem outra coisa seria de esperar, num ambiente de tão sã camaradagem.

Passou a ser conversa a três. O ruído eufórico dos rapazes e raparigas aparecia-nos em fundo, misturado com o som das canções interpretadas por um conjunto ligeiro, formado por universitários. Jean Pierre foi interrompido no bebericar da cerveja quando lhe perguntámos qual era a sua opinião sobre o edifício em que se tinha realizado a Delfíada:

— *Como opinião pessoal, este vosso TEATRO é o mais moderno que vi até hoje.*

O palco é extraordinário: permite uma visão panorâmica da cena, já que a sua altura, bem mais inferior que a dos teatros mais antigos, evita os defeitos do aparecimento desagradável dos panejamentos suspensos. Por outro lado, a sua largura e localização consentem uma visão perfeita de todos os lugares da assistência. No que respeita às condições de acústica, uma única palavra: óptimas! As paredes, revestidas de madeira, não só dão um ar de extremo bom gosto, como permitem um conforto extraordinário.

Czarniak completou:

— *Foi o melhor presente que os portugueses nos poderiam ter dado. Penso que é o único teatro do Mundo que terá camarins com duchê individual.*

Queríamos perguntar a Jean Pierre quais as razões que o levaram a utilizar os coros dum modo tão diferente do habitual, tão pouco hierático. Os seus movimentos são, diríamos, coreográficos, como que baléticos.

— *E' natural que vos tenha parecido estranho tal facto* — respondeu-nos Jean Pierre. *No entanto, em França, há já mais de vinte e cinco anos que os coros tomam parte activa no desenrolar da peça. Não são meros espectadores. E não fazem «ballet» só por o fazer. Eles interpretam ritmicamente, o que é bastante diferente. E as consequências são um melhor aproveitamento plástico dos coros, permitindo uma maior movimentação de cena.*

Margarida de Carvalho tinha já acabado o seu trabalho e juntou-se-nos. Não queríamos privar por mais tempo Jean Pierre e o seu amigo Henry Czarniak do prazer de disfrutarem aquela última noite délfica em companhia dos camaradas que, brevemente, se separariam e partiriam para os seus diversos países.

Agradecemos as atenções que se nos dignaram prestar e despedimo-nos ficando com uma certeza: tínhamos arranjado mais dois amigos. E isto é o fundamental...

DES POR TOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

Principiam amanhã os Campenatos Nacionais

As duas mais importantes provas do futebol português começam amanhã a ser disputadas, com a presença de cinco colectividades aveirenses: o Beira-Mar estreia-se na I Divisão, enquanto que Oliveirense, Sanjoanense, Feirense e Espinho vão terçar armas no torneio secundário. Auguramos a todas as equipas uma época tranquila, recheada de êxitos, em que cada qual consiga, pelo valor que vier a demonstrar, acrescentar maior prestígio aos seus já laureados pergaminhos.

Sem deixar de se referir à carreira dos componentes do quarteto aveirense da II Divisão, é óbvio que o LITORAL vai dar mais relevo às notícias e aos comentários alusivos ao comportamento do Beira-Mar na prova máxima, já que o «caloiro» é o único grupo de futebol com sede na capital do Distrito e é, ao mesmo tempo, o mais representativo filiado da Associação de Futebol de Aveiro.

Hoje, e a concluir esta nótula, apenas a indicação dos desafios que o calendário marca para amanhã:

I DIVISÃO — Olhanense - Covilhã, Salgueiros - Académica, Leixões - Benfica, Sporting - Lusitano, Beira-Mar - Porto, Guimarães - Atlético e Belenenses - C. U. F.

II DIVISÃO (Zona Norte) — Oliveirense - Braga, Marinhense - Vianense, Caldas - Torriense, Vila Real - Peniche, Cernache - Boavista, Castelo Branco - Espinho e Feirense - Sanjoanense.

Na festa de LIBERAL

Beira-Mar, 1 - Leixões, 3

Em desafio rodeado de muita expectativa, o Beira-Mar defrontou no domingo o *team* do Leixões, aureolado com a sua excelente vitória na «Taça de Portugal» da época transacta e com o magnífico triunfo no Torneio Início da A. F. do Porto — na festa de homenagem ao «capilão» beiramarense Manuel Marques Liberal.

A festa foi justíssima. E o público aveirense bem o compreendeu, comparecendo em elevado número no Estádio de Mário Duarte, rodeando Liberal de todo o calor da sua estima e consideração.

As duas equipas formaram à entrada do recinto, para permitirem a passagem do brioso «capitão» beiramarense, que, depois, alinhou diante da tribuna de honra do Estádio, para escutar o seu elogio, feito pelo desportista aveirense José Naia. Depois, Liberal recebeu inúmeras prendas — da Direcção do Beira-Mar, da Tertúlia Beiramarense, da Comissão Pró-Beira-Mar, do treinador Anselmo Pisa, de Egas Salgueiro, dos jogadores Violas e Calisto, e dos seus colegas de equipa —, tendo dado uma volta de honra ao rectângulo, na companhia dos seus companheiros de equipa e dos leixonenses.

Iniciou-se, finalmente, o esperado desafio Beira-Mar-Leixões, dirigido pelo sr. Edmundo de Carvalho. Os grupos apresentaram, inicialmente:

BEIRA-MAR — Bastos; Evaristo, Liberal e Moreira; Marçal e Jurado; Miguel, Amândio, Azevedo, Paulino e Chaves.

LEIXÕES — Roldão; Ramos, Raúl I e Raúl II; Jacinto e Ventura; Medeiros, Chico, Jaburu, Oliveira e Abraão.

No segundo tempo, registaram-se diversas substituições. No Beira-Mar, sairam Bastos, Liberal, Miguel, Jurado, Amândio e Azevedo, entrando Violas, Almir, Calisto, Valente, Ribeiro e Correia. No Leixões, Roldão, Ramos, Raúl II, Ventura e Abraão cederam os respectivos postos a Rosas, Rocha, Pinto, Gentil e Quim.

Os matosinhenses chegaram ao intervalo a vencer por 1-0, mercê de um tento de CHICO, aos 21 m., num lance em que a bola, rematada de longe, tabelou num defensor local e iludiu Bastos.

No segundo tempo, os visitantes fizeram 2-0, mercê de um golo de JABURU, em posição irregular; e aumentaram depois para 3-0, por MEDEIROS, de colaboração com o guarda-redes Bastos — em

Continua na página 8

Vitória da Sanjoanense no Torneio de Abertura

Em Ovar, na tarde de domingo, realizaram-se os jogos finais do Torneio de Abertura da Associação de Futebol de Aveiro.

Mercê dos desfechos apurados — Feirense, 3 - Oliveirense, 1 e Sanjoanense, 2 - Espinho, 1 —, a ordenação final ficou assim estabelecida:

1.º - Sanjoanense; 2.º - Espinho; 3.º - Feirense; 4.º - Oliveirense.

FUTEBOL CLUBE DO PORTO

o próximo adversário do

BEIRA-MAR

Sem sombra de dúvida o maior Clube do Norte e um dos grandes nacionais, o F. C. do Porto visita-nos amanhã, «apadrinhando» a entrada do Sport Clube Beira-Mar na Divisão maior do futebol português.

Não vivendo dias tranquilos, os nortenhos têm necessidade absoluta dum bom resultado em Aveiro, não só porque o encontro se realiza fora de portas, mas também frente a um estreante, ainda sem rótulo nem cartaz nestas andanças da I Divisão. Atravessando um período incerto, à procura do rejuvenescimento duma equipa que foi famosa, não será este o melhor momento para os portistas, pois um resultado negativo seria um golpe fundo nas suas aspirações, aumentando a descrença e a desconfiança que têm caracterizado a colectividade nestes últimos tempos.

Por outro lado, já que as primeiras sete jornadas se apresentam muito ingratas para os aveirenses, estes têm necessidade dum bom resultado, em que marquem pontos, um ponto que seja.

Sem dúvida que, a priori, *o F. C. do Porto reune favoritismo, pois a diferença entre as duas turmas é substancial, já*

Continua na página 8

Ecos do CAMPEONATO DE ANDEBOL

2 **Prosseguindo na apreciação ao comportamento das equipas no Campeonato Regional, resta-nos falar do Escola Livre de Azeméis, do Clube dos Galitos, do Amoníaco e do Avanca, classificados, respectivamente, pela ordem indicada.**

Dedicando-se com entusiasmo e persistência, o Escola Livre veio a classificar-se imediatamente a seguir aos «quatro grandes» do andebol regional. E não diremos que poderia ir mais longe, porque o desnível entre os dois quartetos foi demasiado evidente para a hipótese ter viabilidade. Claro que não há neste comentário outra intenção que não seja o de apreciar o comportamento dos intervenientes ao torneio distrital. Daí, portanto, o nosso ponto de vista, que outro fim não tem se não o de registarmos o que se nos ofereceu no decorrer da prova. Como dizíamos, porém, os oliveirenses foram os que mais se aproximaram em valor e entusiasmo, pelo que, repetimos, foi merecido o seu quinto lugar.

Já o Clube dos Galitos, com tradições no andebol, acabou por não corresponder ao que seria lícito esperar. De início, deu a sensação de ir longe, apresentando

Continua na página 8

XADREZ de NOTÍCIAS

Em referência aos jogos da ronda inaugural dos campeonatos nacionais de futebol, principiaram no nosso País as apostas mútuas desportivas («Totobola»). Em Aveiro, além de alguns cafés e outros estabelecimentos, também o Beira-Mar conseguiu uma agência da «Totobola».

Na sede da Associação de Basquetebol de Aveiro, efectuou-se o sorteio dos jogos do próximo Campeonato Regional da I Divisão, que será disputado por Galitos, Esgueira, Sangalhos, Sanjoanense, Illiabum, Cucujães e Amoníaco. O Beira-Mar, vice-campeão no ano findo, não participa no torneio; e, prevendo-se ainda a possível ausência do Cucujães, os delegados dos clubes acordaram (nesse caso) na subida do Avanca e do Recreio de A'gueda — um regressado que se saúda efusivamente. Se os cucujanenses disputarem a prova, aguedenses e avanquenses ficam na II Divisão Regional.

Depois de Bastos, Azevedo, Chaves e Moreira, o Beira-Mar acaba de assegurar o concurso do futebolista Valente, que alinhou no Sporting

Continua na página 8

Provas com o patrocínio do Litoral

FESTIVAL NÁUTICO DA RIA DE AVEIRO

Finalmente, é amanhã, com início às 18 horas, que se realiza o anunciado FESTIVAL NÁUTICO DA RIA DE AVEIRO, organizado pela Secção de Natação do Sport Clube Beira-Mar e patrocinado pela Comissão Municipal de Turismo, pela Federação Portuguesa de Natação, e pelo LITORAL.

● A abrir, teremos uma corrida de natação, no percurso de 100 metros, reservada a nadadores infantis. Haverá os seguintes prémios: 1.º — Taça Oficinas Gamelas; 2.º — Medalha; 3.º — Medalha; 4.º — Emblema do Beira-Mar; 5.º — Emblema do Beira-Mar.

● Depois, pelas 18.15 horas, realiza-se o número de maior cartel do festival — a VI MEIA-MILHA DA RIA DE AVEIRO. No momento em que redigimos a presente notícia, já se haviam inscrito na prova os seguintes clubes; Fluvial Portuense (com equipas feminina e masculina), Escola Livre de Azeméis, Futebol Clube do Porto, Beira-Mar e Sport Algés e Dàfundo — que se fará representar pelos seus internacionais Herlander Felga Ribeiro, Luís Vaz Jorge, António Bessone Basto e Eduardo de Sousa, os mais representativos nadadores portugueses da actualidade. Espera-se, contudo, que outras colectividades venham a estar presentes na competição que este ano se fez renascer.

Os prémios para esta prova são os que a seguir indicamos:

Classificação por clubes — 1.º — Taça Empresa de Pesca de Aveiro; 2.º — Taça LITORAL; 3.º — Prémio das Fábricas Aleluia. *Classificação individual (Homens)* — 1.º — Taça Comissão Municipal de Turismo e medalha; 2.º — Taça Secção de Natação do Beira-Mar e medalha; 3.º — Taça Canada Diy e medalha; 4.º — Prémio das Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos, e medalha; 5.º — Prémio das Porcelanas de Aveiro, L.da, e medalha; 6.º — Prémio da Sociedade Artibus, L.da, e medalha; do 7.º ao 10.º classificado, serão atribuídas medalhas e emblemas do Beira-Mar. *Classificação individual (Senhoras)* — 1.ª — Troféu do S. N. I. e emblema do Beira-Mar; 2.ª — Medalha e emblema do Beira-Mar; 3.ª — Emblema do Beira-Mar; 4.ª — Emblema do Beira-Mar.

Prémios especiais — Taça Tertúlia Beiramarense, para o melhor classificado dos nadadores do Beira-Mar; Taça Mestre Manuel Maria Mónica, para o melhor nadador da A. N. de Aveiro; Taça Pedrosa & Tavares, para o melhor nadador da A. N. de Lisboa; Taça Companhia Portuguesa de Celulose, para o melhor nadador da A. N. do Porto; Taça Corte Real Pereira, para o melhor nadador da A. N. de Coimbra; e Taça Federação Portuguesa de Natação, para o clube com maior número de inscritos.

Continua na página 8

II CIRCUITO CICLISTA DE OLIVEIRINHA

Com o patrocínio da F. N. A. T. e do LITORAL, a Casa do Povo de Oliveirinha levou a efeito, no pretérito domingo, e no percurso que oportunamente aqui indicámos e totalizava 70 quilómetros, o II Circuito Ciclista de Oliveirinha.

A prova foi disputada por 33 ciclistas, que representavam as seguintes colectividades: Rimarte, de Vale de Cambra (10), Sangalhos (7), Oliveirinha (5), Águias, de Anadia (5), Oliveira do Bairro (3), Águias da Vista Alegre (2) e Quintavaladense (1).

Ao longo da competição, e por haverem infrigido os respectivos regulamentos ou por desistência, ficaram pelo caminho 15 concorrentes, apurando-se, no final, a seguinte ordem de chegada à meta:

1.º — Acácio Francisco Ribeiro, Oliveirinha, em 2 h. 6 m.; 2.º — Egídio dos Santos Samelo, Sangalhos, 2 h. 6 m.; 3.º — Mário Henriques da Silva, Sangalhos, 2 h. 7 m. 45 s.; 4.º — Manuel Ferreira Cadima, Sangalhos, 2 h. 9 m. 30 s.; 5.º — José Gomes de Oliveira, Rimarte, 2 h. 9 m. 30 s.; 6.º — Joaquim Francisco Santos, Sangalhos, 2 h. 9 m. 30 s.; 7.º — Amadeu Henriques da Silva, Sangalhos, 2 h. 9 m. 45 s.; 8.º — António Coimbra Laçal, Rimarte; 9.º — João Cruz, Quintavaladense; 10.º José Moreira Barbosa, Águias; 11.º — Domingos Neta, Rimarte; 12.º — Duarte de Oliveira Fernandes, Oliveirinha; 13.º — Vítor Santos, Rimarte; 14.º — José Maria da Rocha, Águias; 15.º — Jorge Manuel Pereira Neto, Sangalhos; 16.º — José Martins, Rimarte; 17.º — José Maria Rendeiro, Oliveirinha; e 18.º — Américo Dias, Oliveira do Bairro.

Continua na página 8

Um grupo de concorrentes, momentos antes da largada, no domingo, para o II Circuito de Oliveirinha

Pela Câmara Municipal

Conforme oportunamente referimos, o Conselho Municipal aprovou por unanimidade o Plano de Actividades e Bases do Orçamento para o próximo ano.

Do importante documento camarário — tanto mais apreciável quanto é certo que o actual Presidente do Município, sr. Eng.º-agrónomo Henrique de Mascarenhas, só há pouco tomou posse das suas elevadas funções — começamos por transcrever o que dele consta sob a epígrafe «Cômputo aproximado da receita e das despesas para o ano de 1962»:

O Orçamento elaborado para o próximo ano de 1962 apresenta um total de receita ordinária, incluindo reembolsos e reposições, computada em 11 200 000$00.

Verifica-se um enorme acréscimo em relação ao ano de 1961, o qual se filia, não em excesso de optimismo, mas sim, e fundamentalmente, no facto de, pela primeira vez, se considerar a contribuição da Companhia Portuguesa de Celulose e, ainda, com o propósito de soldar a dívida acumulada nos últimos anos perante os Serviços Municipalizados, se prever, em contrapartida, uma receita importante proveniente da cedência onerosa, feita pela Câmara, dos terrenos destinados à recolha dos autocarros dos transportes urbanos.

Analisada pormenorizadamente a previsão da receita verifica-se que o procedimento obedeceu às seguintes regras básicas de sã e prudente administração:

1) — Receitas certas, pelo seu quantitativo exacto;

2) — Receitas variáveis, pela média da cobrança dos últimos três anos, depois de aplicado o conveniente factor de correcção, e sempre abaixo da realidade;

3) — Receitas de variação regular, pela receita do último ano, devidamente corrigida por um coeficiente baseado na cobrança dos últimos três anos.

Esta modalidade de cálculo conduziu-nos a uma receita superior à do ano transacto que, traduzindo o progressivo desenvolvimento das actividades existentes no concelho, suficientemente confirma o aumento constante que de há já longos anos se vem verificando nas receitas municipais.

Para o próximo ano inclui-se já, como se disse, a nova contribuição da Companhia Portuguesa de Celulose que, nos anos futuros, contribuirá poderosamente para manter o orçamento camarário num nível mais compatível com as necessidades sempre crescentes das despesas municipais.

Verificar-se-á, no entanto, que o orçamento do ano seguinte (1963) deverá descer proporcionalmente ao desaparecimento da receita prevista em contrapartida com o pagamento da dívida acumulada do Município aos Serviços Municipalizados.

O total das despesas ordinária e extraordinária prevista para 1962, igualará o total da receita ordinária e extraordinária orçamentada.

Pela Mocidade Portuguesa

Louvor

Pelo Delegado Distrital de Aveiro da Mocidade Portuguesa foi louvado em Ordem de Serviço o dirigente Rui Lebre, pela competência, zelo e dedicação com que vem desempenhando as funções de Director do Teatro da Mocidade de Aveiro.

O Voo das Aves

O sr. João Dinis Marques da Costa abateu na Ria, no passado domingo, uma garça que era portadora duma anilha com a seguinte inscrição: OIS. — MUSEUM — Paris — C B — 5149.

Jantar de Homenagem de Despedida

No dia 14, no Restaurante Galo d'Ouro, os funcionários da agência de Aveiro do Banco Português do Atlântico reuniram-se num jantar de homenagem e despedida ao sr. Ricardo do Nascimento Mieiro, que, durante largos anos, ocupou proficientemente o cargo de Subgerente daquela agência, e agora foi promovido a Gerente da agência do Banco Português do Atlântico em Coimbra — como o *Litoral* oportunamente noticiou.

Aos brindes, exaltaram as qualidades do sr. Ricardo Mieiro os srs. Fernando Canha de Carvalho Catarino, em nome de todos os funcionários; Alcindo da Silva Aleluia, Gerente da agência de Aveiro; e Dr. Abel Reis, Inspector do Banco Português do Atlântico, que actualmente se encontra nesta cidade.

Em nome dos funcionários que dirige, o sr. Alcindo Aleluia ofereceu uma salva de prata ao homenageado — que, muito comovido, em expressivos termos agradeceu o preito de amizade de que foi alvo.

Feira das Cebolas

Encontra-se em pleno funcionamento, desde o último sábado, a tradicional «feira das cebolas» — um típico mercado regional que este ano foi instalado na margem da Ria do lado da Rua de Homem Christo, na baixa do Cojo.

A CIDADE

Ministro do Interior

A fim de presidir ao Cortejo de Oferendas que, no último domingo, se realizou em Vagos — e que rendeu para cima de 300 contos — deslocou-se àquela vila o Ministro do Interior, sr. Dr. Alfredo dos Santos Júnior.

O ilustre estadista, aproveitando a sua deslocação a esta zona, presidiu, na manhã de segunda-feira, a uma reunião de trabalho dos presidentes das câmaras municipais do Distrito, na qual foram versados assuntos de política e administração geral.

Após o almoço, o sr. Ministro do Interior visitou o Albergue Distrital, onde colheu as mais lisonjeiras impressões, seguindo para a capital a meio da tarde.

Jessé de Almeida

Fomos dolorosamente surpreendidos pela notícia de que faleceu recentemente no Rio de Janeiro, onde vivia há mais de três décadas, Jessé de Almeida.

Natural do Concelho de Águeda e antigo aluno do Liceu de Aveiro, Jessé de Almeida, que se dedicava ao comércio, era considerado «o mais expressivo poeta lírico português da actualidade residente no Brasil».

Grangearam-lhe merecida fama os seus livros *O Eterno Adão* (1937), *A Vida pelo Amor* (1939) e *O Mistério do Mar* (1954).

Em 1959, Jessé de Almeida publicou um esmerado volume com o título *Selectas*, magnífica contribuição para as nossas comemorações jubilares, que abre pela poesia *Terras de Aveiro*, dedicada aos que devotadamente as ocupam, e que o «Litoral» hoje publica na segunda página.

A morte do ilustre poeta foi muito sentida nos meios literários brasileiros. No Rio de Janeiro realizou-se, em homenagem à sua memória, um serão literário-musical «que constituiu expressiva manifestação de apreço pelo talento poético de um lírico português que era, acima de tudo, um grande patriota, como o atestam todos as suas poesias, a última das quais consagrada à luta contra as hordas comunistas que Portugal está a travar em Angola».

O «Litoral», que recebeu de Jessé de Almeida inequívocas provas de amizade e simpatia, apresenta à viúva do grande poeta, D. Cecília de Almeida, e a seu filho, as mais sentidas condolências.

O novo Volkswagen

A convite das *Fábricas VW*, partiu de avião para a Alemanha o sr. Ernesto Gomes Vieira representando os agentes desta afamada marca de automóveis no Distrito de Aveiro.

Nesta viagem, todos os agentes daqueles carros no nosso País visitam as fábricas em Wolfsburg e Hanover e ainda o *Salão Automóvel de Francfort*, onde se encontra exposto o novo modelo 1500, que a Volkswagen tenciona lançar no mercado este ano.

É grande a expectativa pelo aparecimento do novo modelo, sendo de prever que venha a obter o mesmo êxito do anterior, que, no momento, continua a ter uma produção diária de 4 000 unidades.

Exames no Liceu

Nos próximos dias 25, 26 e 27, realizam-se as provas escritas dos exames do sétimo ano do Liceu, correspondentes à segunda época.

São os seguintes os horários das várias disciplinas:

Dia 25 (Segunda-feira) — A's 9 horas, Físico-Químicas e Português; às 11 horas, Ciências Naturais e Latim; e, às 15 horas, Filosofia.

Dia 26 (Terça-feira) — A's 9 horas, Matemática e Geografia; e, às 11.30 horas, Geografia e Alemão; e às 15 horas, Desenho e Inglês.

Dia 27 (Quarta-feira) — A's 9 horas, História; às 11 horas, Organização Política e Administrativa da Nação; e, às 15 horas, Francês.

Cursos de Francês do Conservatório Regional

Em consequência do número de inscrições registadas e do interesse manifestado pelos aveirenses, é-nos muito grato noticiar que está assegurado o funcionamento na nossa cidade dos cursos de francês do Instituto Francês do Porto, por louvável iniciativa do Conservatório Regional de Aveiro.

Trata-se de uma enorme vantagem de ordem cultural para todos os aveirenses — facto que deverá ser relevado, com uma palavra de fundo agradecimento à Directora do Conservatório Regional, a quem se fica a dever este benefício.

Os alunos que se inscreveram nos aludidos cursos deverão efectuar as respectivas matrículas até segunda-feira próximo, dia 25.

Angola do Presente e do Futuro

Continuação da segunda página

tornando mais evidentes as desproporções de subsistência das gentes menos favorecidas), na dificuldade de se encontrarem a breve espaço de tempo receitas fiscais de outra ordem — como, por exemplo, as consequentes do desenvolvimento económico que se procura — que compensem os direitos alfandegários, que só podemos contar com a total supressão destas últimas onerações no prazo, aliás excessivamente longo, de dez anos. E dizemos excessivamente longo uma vez que, por exemplo, em Angola (que é a Província onde a percentagem de arrecadação destes rendimentos é maior), estas totalizam apenas 11, 8 por cento do conjunto das receitas provinciais, o que não nos parece seja verba que não encontre breve compensação em outras fontes, sobretudo se tivermos em vista os alcances reprodutivos dos investimentos em estudo e em curso.

Independentemente disto, muito se lucraria, com certeza, se houvesse a coragem de se prescindir ou fazer transferir, para onde conveniente e aproveitável, essa «matéria-prima» dispersa e oculta, de escasso ou nulo aproveitamento e rendimento.

A circunstância da natureza ter proporcionado a certos nativos possibilidades de, em certas regiões, poderem ter uma vida improdutiva e ociosa não é razão que possa servir de exemplo nos quadros das actividades, quaisquer que elas sejam, quando as pessoas estão em condições de trabalhar e produzir.

Embora pese à exigência, é evidente que seria utopia pretender-se o puritanismo das atribuições e dos cargos, mas a seriedade e o cumprimento dos deveres são funções que todos podem desempenhar com honra e proveito, próprio e colectivo.

Sem dúvida difícil, sem dúvida grande tarefa será essa, a de se conseguir sanear e, simultâneamente, realizar, devidamente, com presteza e eficiência, os objectivos das actuais disposições legisladas.

Oxalá que tal se consiga e que a todos anime a certeza de que, nestes aspectos, não há problemas insolúveis.

M. Lopes Rodrigues

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	OUDINOT
Domingo	MOURA
2.ª feira	CENTRAL
3.ª feira	MODERNA
4.ª feira	A L A
5.ª feira	M. CALADO
6.ª feira	AVEIRENSE

CIN[...]AS

Cine-Te[...]venida

Sábado, 2[...]1.15 horas, dois excelen[...] O Valen[tão] das Dúzi[...] Bob Hope e Jane Russel [...] de Sangue, com S[...] e Philis Coates. — S[...] maiores de 12 anos.

Domingo, [...] 15.30 e às 21.30 horas, [...] comédia Uma Parisi[...]dres, com Miléne Dèmo[...]ence Morgan e Ted He[...] orquestra. Sessões para [...] 17 anos.

Quarta-f[...] A's 21.30 horas, o film[...] do Recife Vermelh[...] Richards e Margie De[...] para maiores de 12 ano[s].

Quinta-f[...] A's 21.30 horas, uma [...]m Mick-y Rooney. Ter[...]e Dan Dureya — A Ilh[...]oras. Sessão para mai[...] anos.

Teatro [...]irense

Domingo, [...] 15.30 e às 21.30 horas, [...]cula grandiosa e espec[...]m Edmund Purdom, Joh[...] Barrymore, Georgia Mol[...]ice e Massimo Girotti [...]ocos. Sessões para m[...] anos.

Terça-feir[...] 21.30 horas, um apaix[...]e de aventuras, com [...] Murray, William Bis[...] Shipman, Gloria Talbot[...] e John Carradine: [...]eiro do Oregon. S[...] maiores de 12 anos.

Regimento d[...] N.º 5

A[...]o

O Co[...]dministrativo do Re[...] de Cavalaria n.º 5 [...]blico que, no dia 10 [...]ximo mês de Outubro [...] 10 horas, no Quartel [...]nidade, se procederá [...] em hasta pública de [...]mário julgado incapa[...]

Quartel [...]iro, 19 de Setembro d[...]

O Chefe [...]bilidade,

Jorge Feurly [...]hões Caldas
Cap. M.

Procissão de Santa Joanna

Continuação da segunda página

por ter suspeitado um lado peior á festa. Pois não, senhores: pittoresca e brilhante. Aveiro fica com um lugar áparte no meu coração agradecido.

★

Á noite, muito á pressa, vejo o primeiro aspecto fantastico da illuminação veneziana, que se reflecte no canal cheio de treva, como a bocca aberta de um abysmo. É estonteante. Dá vontade de perder o comboio e ficar aqui. Ouço ao longe as primeiras notas da musica que vae começar a percorrer as ruas. Pula-me a alma.

... E metto pelo Côjo, direito á estação, sentindo ainda, muito longinqua, vibrante como uma ironia, a phylarmonica que ataca valentemente os preludios de uma marcha»

★

Se a gravura que reproduzimos é curiosíssima, a descrição que acabamos de transcrever é também, sem dúvida, muito interessante e desvanecedora para todos os aveirenses.

Apesar de o «Tobias», que Deus tenha em sua santa glória, nos considerar expansivos apenas quando estamos em família ou... quando dizemos mal da vida alheia...

cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje — A sr.ª D. Maria da Soledade Bernardo Salgueiro, esposa do nosso colaborador artístico João Salgueiro.

Amanhã — Os srs. Laurindo de Jesus Gamelas e Ernesto Amorim dos Reis, aveirense residente em Luanda; e o menino Paulo Jorge Estrela Santos, filho do sr. Armaldo Estrela Santos.

Em 25 — A sr.ª prof.ª D. Maria Isabel Farto Ramos, esposa do sr. Henrique Ramos; o Rev.º Padre Manuel Rei de Oliveira e os srs. Fernando de Sá Seixas e João Filipe Dias Leite; e as meninas Maria Olinda Reis dos Santos, Maria Edith dos Santos Rocha, filha do sr. José Augusto Rocha e Maria José Castro Mateus, filha do sr. José Mateus Júnior.

Em 26 — A sr.ª D. Maria Marques Moreira; e o sr. prof. Lotário Casimiro da Silva, residente em Coimbra.

Em 27 — As sr.as D. Albertina Baptista de Figueiredo, esposa do sr. Zeferino Soares, D. Sara Biscaia, prof.ª D. Maria do Carmo Miranda Pires, filha do 1.º Sargento sr. Carlos Augusto Pires, e prof.ª D. Maria de Lourdes da Paula, filha da sr.ª D. Eva Rodrigues da Paula; os srs. Dr. Vasco Branco, nosso apreciado colaborador, Eng.º Manuel Rodrigues e Fernando de Matos; e a menina Maria da Conceição Duarte Lemos, filha do sr. José Maria da Silva Neves.

Em 28 — O sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, Venerando Arcebispo de Évora; o sr. Jorge Marques Moreira; a menina Maria João Decrook Gaioso Henriques, filha do sr. Dr. João Gaioso Henriques, radiologista do Hospital de Luanda; e os estudantes Artur Manuel da Graça e Cunha, e Jorge Sarabando Vinagre, filho do sr. Manuel Eugénio Moreira Vinagre.

Em 29 — As sr.as D. Maria da Natividade Vicente Ferreira, esposa do sr. José da Silva Freire, e D. Maria da Conceição Dias Gamelas, filha do sr. João Gamelas; os srs. Domingos Carvalho Moreira e José Manuel Tavares Abrantes, empregado em «A Lusitânia»; e as meninas Angelina de Lourdes dos Santos Monteiro, filha do sr. Benjamim dos Santos Monteiro, ausente em Joanesburgo, e Idília Maria de Carvalho Borrego, filha do sócio-gerente de «A Lusitânia» sr. António Maria Borrego.

CASAMENTOS

★ No passado dia 2, na igreja da Rainha Santa, em Coimbra, realizou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Isabel Olimpia Pitarma Sabino, filha da sr.ª D. Adelaide Pitarma Sabino e do sr. Dr. António Sabino Júnior, com o finalista de Matemáticas sr. António da Cunha Ferreira, filho da sr.ª D. Maria Simões da Cunha Ferreira e do sr. Saúl Dinis Ferreira.

Foi oficiante o Rev.º Padre Manuel Vaz, colega e amigo do novo, tendo servido de padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Maria Isabel Mesquita Santos e o sr. Dr. Juiz de Direito Alberto Pita da Costa; e, pelo novo, sua irmã, sr.ª D. Beatriz Ferreira da Cunha, e seu tio, sr. João Simões da Cunha.

★ No passado domingo, na igreja da Borralha realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Manuela Amaral Matos, filha da sr.ª D. Madalena Amaral Matos e do sr. Tenente-coronel Virgílio Vicente de Matos, com o professor do Liceu de Aveiro sr. Dr. Francisco de Assis Bernardo Ferreira da Maia, filho da prof.ª sr.ª D. Olinda Migéis Bernardo da Maia e do sr. Dr. Assis Maia, também professor do Liceu da nossa cidade.

Foi oficiante o Rev.º Padre Arménio Alves da Costa Júnior, tendo servido de padrinhos: pela noiva, os pais do noivo; e, pelo noivo, os pais da noiva.

★ Também no último domingo, na Capela do Senhor das Barrocas desta cidade, consorciaram-se a sr.ª Dr.ª D. Maria do Amparo da Costa Carvalho, filha da sr.ª D. Maria Leopoldina de Carvalho Costa e do sr. Alberto de Oliveira Carvalho, e o sr. Dr. Emídio Artur de Campos Fernandes (Sarrica), filho da sr.ª D. Maria Luísa de Campos Fernandes e do sr. Emídio Figueiredo Fernandes (Sarrica).

Presidiu à cerimónia o Rev.º Padre António Auguste de Oliveira, tendo servido de padrinhos: pela noiva, sua mãe e o sr. Carlos Branco de Carvalho; e, pelo noivo, a sr.ª D. Maria Rosa de Campos Calado e seu pai.

★ Ainda no pretérito domingo, na igreja de Pinheiro de Azere (Santa Comba Dão), efectuou-se o casamento da sr.ª D. Maria Rosa Dinis Antunes, filha da sr.ª D. Natália Pinto de Oliveira Antunes e do sr. Luís Dinis Antunes, com o prof. sr. Élio da Rocha Terrível, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Rocha Terrível e do sr. Ramiro Domingues Terrível.

Serviram de padrinhos: pela noiva, o sr. José Dinis Antunes de Araújo e sua esposa; e, pelo noivo, sua tia, sr.ª D. Maria de Lourdes Terrível, e o sr. Dr. José Luís Cravo Roxo.

Aos novos lares desejamos as melhores venturas

DOENTES

★ Acometido de doença súbita, encontra-se internado na Casa de Saúde da Vera-Cruz, desde o passado domingo, o sr. Manuel dos Reis Baptista, Agente em Aveiro do Banco de Portugal.

★ Também não tem passado bem de saúde o nosso dedicado colaborador Gaspar Albino.

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento

DESPEDIDA

Clemência dos Santos Vaz Gonçalves, retirando-se para a Venezuela e, não o podendo fazer pessoalmente, despede-se, por este meio, de todas as pessoas amigas e conhecidas.

AGRADECIMENTO

Completamente refeito da enfermidade que o forçou a estar internado, em tratamento, no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, Fernando Eduardo Antunes agradece, por este meio, a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde ou o visitaram.

Aveiro, 21 de Setembro de 1961

SALVÉ O DIA 29 DE SETEMBRO

Parabéns, sr.

Jesus Marques Saramago

A distância não separa os corações.

Aqui tem — nosso venerando pai — a expressão das felicitações sinceras de seus filhos Eduardo e Licínio.

— Que este dia se repita por muitos e bons anos, para que ainda possamos disfrutar do convívio da vossa querida quão saudosa companhia, num ambiente de paz e felicidade bem merecidas, são os votos de seus filhos, noras e neto, ausentes em Venezuela.

— Que nos perdoe que este dia não possa ser de inteira felicidade pela saudade tão profunda que o nosso coração sente, que nos obriga a enviar-lhe, destas longínquas paragens, um amplexo respeitoso e portador do muito que lhe queremos.

MAIS UMA VEZ, PARABÉNS!...

João Penha e o Dr. Melo Freitas

Conclusão da página três

— Imagina que lhe pedem
A despensa
Onde tem a salgadeira...

É igualmente digna de nota a sátira, em soneto, de admirável conceito, dirigida a um Dr. Pedro. Ei-la:

E vimos uma forma horrenda e bruta
Surgir do lado vil com gesto iroso,
Como outrora, no Cabo Tormentoso,
O velho Adamastor de barba hirsuta.

— «Quem és tu»? — Eu lhe disse. — «Bardo, escuta»,
(Bramiu com voz ingente e desdenhoso)
Eu sou no espaço infinito e luminoso
O verbo idea! da estupidez corrupta.

«Na terra, sou um Penedo: e o mar violento,
O mar das ciências vãs da Humanidade,
Já quis vencer-me e foi baldado o intento!»

Disse. E ouvimos naquela obscuridade
O cântico dum trêmulo jumento:
— Era o preito da terra à Humanidade.

Anos volvidos, o mórbido poeta António Nobre também «*molhou a sua sopa*» no capelo desse Pedro, dedilhando assim a lira:

«... O' Pedro da minh'alma! Meu amigo!
Que feliz sou, bom velho, em estudar contigo!
Mal diria eu em pequenito, quando a ama,
Para me calar, vinha fazer-me susto à cama
Por ti chamava: Pedro! E eu sossegava logo,
Que eras tu o «Papão»! A ama de olhos em fogo
Imitava-te o andar, que não era bem de homem.
Eu tinha birras? — Aí vem o lobisomem!
Dizia ela. — Bate à porta! Truz! Truz! Truz!
E tu entravas, Pedro, eu via! Horror! Jesus!»

Aproveitei até aqui episódios da vida estudantil do boémio e grande poeta minhoto, na pitoresca cidade do Mondego.

Por ser muito conhecido, não fiz desenvolvida alusão ao duelo de versos satíricos, um dia travado entre ele e Junqueiro, numa parede da tasca do *Homem do Gás*.

Estou no ponto próprio para aludir à sua actuação no foro da Comarca de Braga.

Sem se considerar um escravo da Lei, foi João Penha um advogado inteligente e probo, que serviu numerosa clientela. Abria o escritório às 10 horas da manhã e fechava-o às 2 da tarde. Quem viesse depois, só seria atendido no dia seguinte.

À boémia de Coimbra sucedeu uma vida metódica e pacata, mas, mesmo assim, não deixou de usar, com elegância, o seu monóculo e de vestir frequentemente fato preto, calçando luvas da mesma cor.

Da sua vida de jurisconsulto, conta Alberto Pimentel este cómico acontecimento, a que o poeta não respondeu com a sátira, improvisada à sua maneira de Coimbra e em termos bocagianos, certamente para não perder o freguês, em prejuízo de seus interesses:

«Numa manhã, pelas 7 horas e em serviço profissional, João Penha ia a caminho do Bom Jesus do Monte. No *tramway*, sentava-se, a seu lado, um maçador e obeso demandão, que lhe gritava ao ouvido, para ele ouvir bem:

— *O que eu quero — é ganhar a queston do rego. Por que, Sr. Doutor, no rego é que está a grande maroteira dela.* (Ela era a parte contrária e tratava-se de uma de tantas questões de águas, muito frequentes no Minho).

De charuto ao canto da boca, monóculo no olho, imperturbàvelmente resignado e calado, João Penha olhava os outros passageiros e considerava-se certamente vítima do Direito, que legisla sobre regos e outras coisas mais e o obrigava a aturar, com paciência, aquele e outros indivíduos, de tão baixo estofo... Do Direito que ele, em Coimbra, satirizara com epigramas, nas aulas e nas tascas da *tia Maria Camela* e do *Homem do Gás*».

Ao regressar do Bom Jesus, apareceu-lhe um providencial amigo — Alberto Pimentel — no mesmo *americano* e que procurou logo livrá-lo das estúpidas impertinências do tal demandista, que continuava a acompanhá-lo e a maçá-lo. Intervindo na conversa, o escritor procurou desviá-la para o rumo da Literatura. E, pouco depois, conseguiu calar o homem... Mas, ao apearem-se do carro, no Campo de Santana, o cliente maçador insistiu:

— *Sr. Doutor olhe que a* **questom** *do rego da mulher tem furo*... **Num m'a avandone.**

Sorrindo, sem lhe ligar importância, João Penha despedia-se, recomendando a Alberto Pimentel:

— *Não se esqueça de ler a* «**Nature**», *de Rollinat. E' soberba!*

O que foi moço boémio e extraordinário poeta, fina flor da notável plêiade de estudantes literatos, de Coimbra do seu tempo, estava, então, sujeito, em Braga, na vida profissional, que se lhe seguiu, a aturar assim, resignadamente, sem epigramas cáusticos, à semelhança dos de Bocage, como seriam seus desejos, aqueles e outros caturras, que lhe pagavam...

«*Ossos do ofício, que não há sem ossos*...»

E... meus amigos, fica para o artigo seguinte, por este já ser longo, uma rápida análise à vida literária do nosso Dr. Joaquim de Melo Freitas.

Manuel Lavrador

Pela Câmara Municipal

Conforme oportunamente referimos, o Conselho Municipal aprovou por unanimidade o Plano de Actividades e Bases do Orçamento para o próximo ano.

Do importante documento camarário — tanto mais apreciável quanto é certo que o actual Presidente do Município, sr. Eng.º-agrónomo Henrique de Mascarenhas, só há pouco tomou posse das suas elevadas funções — comecamos por transcrever o que dele consta sob a epígrafe «Cômputo aproximado da receita e das despesas para o ano de 1962»:

O Orçamento elaborado para o próximo ano de 1962 apresenta um total de receita ordinária, incluindo reembolsos e reposições, computada em 11 200 000$00.

Verifica-se um enorme acréscimo em relação ao ano de 1961, o qual se filia, não em excesso de optimismo, mas sim, e fundamentalmente, no facto de, pela primeira vez, se consid rar a contribuição da Companhia Portuguesa de Celulose e, ainda, com o propósito de soldar a dívida acumulada nos últimos anos perante os Serviços Municipalizados, se prever, em contrapartida, uma receita importante proveniente da cedência onerosa, feita pela Câmara, dos terrenos destinados à recolha dos autocarros dos transportes urbanos.

Analisada pormenorizadamente a previsão da receita verifica-se que o procedimento obedeceu às seguintes regras básicas de sã e prudente administração:

1) — Receitas certas, pelo seu quantitativo exacto;

2) — Receitas variáveis, pela média da cobrança dos últimos três anos, depois de aplicado o conveniente factor de correcção, e sempre abaixo da realidade;

3) — Receitas de variação regular, pela receita do último ano, devidamente corrigida por um coeficiente baseado na cobrança dos últimos três anos.

Esta modalidade de cálculo conduziu-nos a uma receita superior à do ano transacto que, traduzindo o progressivo desenvolvimento das actividades existentes no concelho, suficientemente confirma o aumento constante que de há já longos anos se vem verificando nas receitas municipais.

Para o próximo ano incluí-se já, como se disse, a nova contribuição da Companhia Portuguesa de Celulose que, nos anos futuros, contribuirá poderosamente para manter o orçamento camarário num nível mais compatível com as necessidades sempre crescentes das despesas municipais.

Verificar-se-á, no entanto, que o orçamento do ano seguinte (1963) deverá descer proporcionalmente ao desaparecimento da receita prevista em contrapartida com o pagamento da dívida acumulada do Município aos Serviços Municipalizados.

O total das despesas ordinária e extraordinária prevista para 1962, igualará o total da receita ordinária e extraordinária orçamentada.

Pela Mocidade Portuguesa

Louvor

Pelo Delegado Distrital de Aveiro da Mocidade Portuguesa foi louvado em Ordem de Serviço o dirigente Rui Lebre, pela competência, zelo e dedicação com que vem desempenhando as funções de Director do Teatro da Mocidade de Aveiro.

O Voo das Aves

O sr. João Dinis Marques da Costa abateu na Ria, no passado domingo, uma garça que era portadora duma anilha com a seguinte inscrição: OIS. — MUSEUM — Paris — C B — 5149.

Jantar de Homenagem de Despedida

No dia 14, no Restaurante Galo d'Ouro, os funcionários da agência de Aveiro do Banco Português do Atlântico reuniram-se num jantar de homenagem e despedida ao sr. Ricardo do Nascimento Mieiro, que, durante largos anos, ocupou proficientemente o cargo de Subg rente daquela agência, e agora foi promovido a Gerente da agência do Banco Português do Atlântico em Coimbra — como o *Litoral* oportunamente noticiou.

Aos brindes, exaltaram as qualidades do sr. Ricardo Mieiro os srs. Fernando Canha de Carvalho Catarino, em nome de todos os funcionários; Alcindo da Silva Aleluia, Gerente da agência de Aveiro; e Dr. Abel Reis, Inspector do Banco Português do Atlântico, que actualmente se encontra nesta cidade.

Em nome dos funcionários que dirige, o sr. Alcindo Aleluia ofereceu uma salva de prata ao homenageado — que, muito comovido, em expressivos termos agradeceu o preito de amizade de que foi alvo.

Feira das Cebolas

Encontra-se em pleno funcionamento, desde o último sábado, a tradicional «feira das cebolas» — um típico mercado regional que este ano foi instalado na margem da Ria do lado da Rua de Homem Christo, na baixa do Cojo.

A CIDADE

Ministro do Interior

A fim de presidir ao Cortejo de Oferendas que, no último domingo, se realizou em Vagos — e que rendeu para cima de 300 contos — deslocou-se àquela vila o Ministro do Interior, sr. Dr. Alfredo dos Santos Júnior.

O ilustre estadista, aproveitando a sua deslocação a esta zona, presidiu, na manhã de segunda-feira, a uma reunião de trabalho dos presidentes das câmaras municipais do Distrito, na qual foram versados assuntos de política e administração geral.

Após o almoço, o sr. Ministro do Interior visitou o Albergue Distrital, onde colheu as mais lisonjeiras impressões, seguindo para a capital a meio da tarde.

Jessé de Almeida

Fomos dolorosamente surpreendidos pela notícia de que faleceu recentemente no Rio de Janeiro, onde vivia há mais de três décadas, Jessé de Almeida.

Natural do Concelho de Águeda e antigo aluno do Liceu de Aveiro, Jessé de Almeida, que se dedicava ao comércio, era considerado «o mais expressivo poeta lírico português da actualidade residente no Brasil».

Grangearam-lhe merecida fama os seus livros *O Eterno Adão* (1937), *A Vida pelo Amor* (1939) e *O Mistério do Mar* (1954).

Em 1959, Jessé de Almeida publicou um esmerado volume com o título *Selectas*, magnífica contribuição para as nossas comemorações jubilares, que abre pelo poesia *Terras de Aveiro*, dedicada aos que devotadamente as amam e servem, e que o «Litoral» hoje publica na segunda página.

A morte do ilustre poeta foi muito sentida nos meios literários brasileiros. No Rio de Janeiro realizou-se, em homenagem à sua memória, um serão literário-musical «que constituiu expressiva manifestação de apreço pelo talento poético de um lírico português que era, acima de tudo, um grande patriota, como o atestam todos os seus poesias, a última das quais consagrada à luta contra as hordas comunistas que Portugal está a travar em Angola».

O «Litoral», que recebeu de Jessé de Almeida inequívocas provas de amizade e simpatia, apresenta à viúva do grande poeta, D. Cecília de Almeida, e a seu filho, as mais sentidas condolências.

O novo Volkswagen

A convite das *Fábricas VW*, partiu de avião para a Alemanha o sr. Ernesto Gomes Vieira representando os agentes desta afamada marca de automóveis no Distrito de Aveiro.

Nesta viagem, todos os agentes daqueles carros no nosso País visitam as fábricas em Wolfsburg e Hanover e ainda o *Salão Automóvel de Francfort*, onde se encontra exposto o novo modelo 1500, que a Volkswagen tenciona lançar no mercado este ano.

É grande a expectativa pelo aparecimento do novo modelo, sendo de prever que venha a obter o mesmo êxito do anterior, que, no entanto, continua a ter uma produção diária de 4 000 unidades.

A's 9 horas, História; às 11 horas, Organização Política e Administrativa da Nação; e, às 15 horas, Francês.

Cursos de Francês do Conservatório Regional

Em consequência do número de inscrições registadas e do interesse manifestado pelos aveirenses, é-nos muito grato noticiar que está assegurado o funcionamento na nossa cidade dos cursos de francês do Instituto Francês do Porto, por louvável iniciativa do Conservatório Regional de Aveiro.

Trata-se de uma enorme vantagem de ordem cultural para todos os aveirenses — facto que deverá ser relevado, com uma palavra de fundo agradecimento à Directora do Conservatório Regional, a quem se fica a dever este benefício.

Os alunos que se inscreveram nos aludidos cursos deverão efectuar as respectivas matrículas até segunda-feira próximo, dia 25.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	OUDINOT
Domingo	MOURA
2.ª feira	CENTRAL
3.ª feira	MODERNA
4.ª feira	A L A
5.ª feira	M. CALADO
6.ª feira	AVEIRENSE

VENDE-SE

O Cine Triunfo da Gafanha da Nazaré, concelho de Ilhavo, incluindo móveis, máquina de cinema e alvará.

Falar com José Vieira, na Cale da Vila, ou na residência paroquial de Ilhavo.

Trespassa-se

Na Av. do Dr. Lourenço Peixinho, casa de venda de pneus novos e usados, dando para outros negócios mais. Nesta Redacção se informa.

Angola do Presente e do Futuro

Continuação da segunda página

tornando mais evidentes as desproporções de subsistência das gentes menos favorecidas), na dificuldade de se encontrarem a breve espaço de tempo receitas fiscais de outra ordem — como, por exemplo, as consequentes do desenvolvimento económico que se procura — que compensem os direitos alfandegários, que só podemos contar com a total supressão destas últimas onerações no prazo, aliás excessivamente longo, de dez anos. É dizemos excessivamente longo uma vez que, por exemplo, em Angola (que é a Província onde a percentagem de arrecadação destes rendimentos é maior), estas totalizam apenas 11, 8 por cento do conjunto das receitas provinciais, o que não nos parece seja verba que não encontre breve compensação em outras fontes, sobretudo se tivermos em vista os alcances reprodutivos dos investimentos em estudo e em curso.

Independentemente disto, muito se lucraria, com certeza, se houvesse a coragem de se prescindir ou fazer transferir, para onde conveniente e aproveitável, essa «matéria-prima» dispersa e oculta, de escasso ou nulo aproveitamento e rendimento.

A circunstância da natureza ter proporcionado a certos nativos possibilidades de, em certas regiões, poderem ter uma vida improdutiva e ociosa não é razão que possa servir de exemplo nos quadros das actividades, quaisquer que elas sejam, quando as pessoas estão em condições de trabalhar e produzir.

Embora pese à exigência, é evidente que seria utopia pretender-se o puritanismo das atribuições e dos cargos, mas a seriedade e o cumprimento dos deveres são funções que todos podem desempenhar com honra e proveito, próprio e colectivo.

Sem dúvida difícil, sem dúvida grande tarefa será essa, a de se conseguir sanear e, simultâneamente, realizar, devidamente, com presteza e eficiência, os objectivos das actuais disposições legisladas.

Oxalá que tal se consiga e que a todos anime a certeza de que, nestes aspectos, não há problemas insolúveis.

M. Lopes Rodrigues

Exames no Liceu

Nos próximos dias 25, 26 e 27, realizam-se as provas escritas dos exames do sétimo ano do Liceu, correspondentes à segunda época.

São os seguintes os horários das várias disciplinas:

Dia 25 (Segunda-feira) — A's 9 horas, Físico-Químicas e Português; às 11 horas, Ciências Naturais e Latim; e, às 15 horas, Filosofia.

Dia 26 (Terça-feira) — A's 9 horas, Matemática e Geografia; e, às 11.30 horas, Geografia e Alemão; e às 15 horas, Desenho e Inglês.

Dia 27 (Quarta-feira) —

EMPREGADO

Para escritório, oferece-se, tendo a frequência do 5.º ano do Comércio.

Nesta Redacção se informa.

CIN[E]MAS

Cine-Te[atro A]venida

Sábado, [...] 15 horas, dois excele[ntes ...] O Valentão dos D[...] Hope e Jane Russel[...] de Sangue, com [...] e Philis Coates. [...] maiores de 12 anos.

Doming[o] [...] 15.30 e às 21.30 horas [...] comédia Uma Parisi[ense ...]dres, com Milène Dé[mongeot ...]nce Morgan e Ted [...] orquestra. Sessões para [...] 17 anos.

Quarta-[feira] A's 21.30 horas, o filme [...] de Recife Vermelh[o ...] Richards e Margie D[...] para maiores de 12 a[nos].

Quinta-[feira] A's 21.30 horas, um[a ...] Mickey Rooney, Te[...] Dan Dureya — A lib[...] Sessão para m[aiores ...] anos.

Teatro [Aveir]ense

Domingo [...] 15.30 e às 21.30 horas, [...]cula grandiosa e espe[...] Edmund Purdom, Jo[...] Georgia M[...]e e Massimo Girotti [...] Sessões para m[aiores ...] anos.

Terça-fei[ra] 21.50 horas, um apa[...] de aventuras, com [...] Murray, William B[...] Shipman, Gloria Talbo[tt ...] e John Carradine: [...] Ouro de Oregon. S[essões para] maiores de 12 anos.

Regimento [de Infantaria] N.º 5

An[úncio]

O Co[nselho Ad]ministrativo do Re[gimento] de Cavalaria n.º 5 [...] público que, no dia 10 [do pró]ximo mês de Outubro [...], no Quartel [...] 10 horas, procederá [...] em hasta pública de [...]mário judicial incapa[z ...]

Quartel [...]iro, 19 de Setembro [de 1961]

O Chefe [da Cont]abilidade, *Jorge Feuri[...]ões Caldas* Cap.m

ALU[GA]-SE

— Casas [...] quintal, em Arada[s ...] Falar com Mari[...]ntos Ferreira, na C[...] Picado.

[AVIS]O AO PÚBLICO

LO[JA] PENAFIEL avisa os seus estimados clientes [...] a partir do dia 7 de Outubro, vai proceder [à liqui]dação de todos os artigos na casa que abri[u] na Rua Direita, em Ilhavo.

To[dos os a]rtigos que constam de Tecidos, Fazendas, [...] Camisaria, etc., etc., serão vendidos com gr[andes d]escontos, e, como tal, todos devem aproveit[ar esta oca]sião única.

Vá a Ilhavo [... l]iquidação, porque quem fôr primeiro escolherá melhor

no canal cheio de treva, como a bocca aberta de um abysmo. É estonteante. Dá vontade de perder o comboio e ficar aqui. Ouço ao longe as primeiras notas da musica que vae começar a percorrer as ruas. Pula-me a alma.

... E metto pelo Côjo, direito á estação, sentindo ainda, muito longinqua, vibrante como uma ironia, a phylarmonica que ataca valentemente os preludios de uma marcha»

★

Se a gravura que reproduzimos é curiosíssima, a descrição que acabamos de transcrever é também, sem dúvida, muito interessante e desvanecedora para todos os aveirenses.

Apesar de o «Tobias», que Deus tenha em sua santa glória, nos considerar expansivos apenas quando estamos em família ou... quando dizemos mal da vida alheia...

Procissão de Santa Joanna

Continuação da segunda página

por ter suspeitado um lado peior á festa. Pois não, senhores: pittoresca e brilhante. Aveiro fica com um lugar áparte no meu coração agradecido.

★

A noite, muito á pressa, vejo o primeiro aspecto fantastico da illuminação veneziana, que se reflecte

cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje — A sr.ª D. Maria da Soledade Bernardo Salgueiro, esposa do nosso colaborador artístico João Salgueiro.

Amanhã — Os srs. Laurindo de Jesus Gamelas e Ernesto Amorim dos Reis, aveirense residente em Luanda; e o menino Paulo Jorge Estrela Santos, filho do sr. Armaldo Estrela Santos.

Em 25 — A sr.ª D. Maria Isabel Farto Ramos, esposa do sr. Henrique Ramos; o Rev.º Padre Manuel Rei de Oliveira e os srs. Fernando de Sá Seixas e João Filipe Dias Leite; e as meninas Maria Olinda Reis dos Santos, Maria Edith dos Santos Rocha, filha do sr. José Augusto Rocha e Maria José Castro Mateus, filha do sr. José Mateus Júnior.

Em 26 — A sr.ª D. Maria Marques Moreira; e o sr. prof. Lotário Casimiro da Silva, residente em Coimbra.

Em 27 — As sr.as D. Albertina Baptista de Figueiredo, esposa do sr. Zeferino Soares, D. Sara Bisonio, prof.ª D. Maria do Carmo Miranda Pires, filha de 1.º Sargento sr. Carlos Augusto Pires, e prof.ª D. Maria de Lourdes da Paula, filha do sr.º D. Eva Rodrigues da Paula; os srs. Dr. Vasco Branco, nosso apreciado colaborador, Eng.º Manuel Rodrigues e Fernando de Matos; e a menina Maria da Conceição Duarte Lemos, filha do sr. José Maria da Silva Neves.

Em 28 — O sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, Venerando Arcebispo de Évora; o sr. Jorge Marques Moreira; a menina Maria João Decrock Goiano Henriques, filha do sr. Dr. João Goiano Henriques, radiologista do Hospital de Luanda; e os estudantes Artur Manuel da Graça e Cunha, e Jorge Sarabando Vinagre, filho do sr. Manuel Eugénio Moreira Vinagre.

Em 29 — As sr.as D. Maria da Natividade Vicente Ferreira, esposa do sr. José da Silva Freire, e D. Maria da Conceição Dias Gamelas, filha do sr. João Gamelas; os srs. Domingos Carvalho Moreira e José Manuel Tavares Abrantes, empregado em «A Lusitânia»; e a menina Angelina de Lourdes dos Santos Monteiro, filha do sr. Benjamim dos Santos Monteiro, ausente em Joanesburgo, e Idília Maria de Carvalho Borrego, filha do sócio-gerente de «A Lusitânia» sr. António Maria Borrego.

CASAMENTOS

★ No passado dia 2, na igreja da Rainha Santa, em Coimbra, realizou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Isabel Olímpia Pitarma Sabino, filha da sr.ª D. Adelaide Pitarma Sabino e do sr. Dr. António Sabino Júnior, com o finalista de Matemáticas sr. António da Cunha Ferreira, filho da sr.ª D. Maria Simões da Cunha Ferreira e do sr. Saúl Dinis Ferreira.

Foi oficiante o Rev.º Padre Manuel Vaz, colega e amigo do noivo, tendo servido de padrinhos: pela noiva, o sr.ª D. Maria Isabel Mesquita Santos e o sr. Dr. Juiz de Direito Alberto Pita da Costa; e, pelo noivo, sua irmã, sr.ª D. Beatriz Ferreira da Cunha, e seu tio, sr. João Simões da Cunha.

★ No passado domingo, na igreja da Borralha realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Manuela Amaral Matos, filha da sr.ª D. Madalena Amaral Matos e do sr. Tenente-coronel Virgílio Vicente de Matos, com o professor do Liceu de Aveiro sr. Dr. Francisco de Assis Bernardo Ferreira da Maia, filho da prof.ª sr.ª D. Olinda Migéis Bernardo da Maia e do sr. Dr. Assis Maia, também professor de Liceu da nossa cidade.

Foi oficiante o Rev.º Padre Arménio Alves da Costa Júnior, tendo servido de padrinhos: pela noiva, os pais do noivo; e, pelo noivo, os pais da noiva.

★ Também no último domingo, na Capela do Senhor dos Barrocas desta cidade, consorciaram-se a sr.ª Dr.ª D. Maria do Amparo da Costa Carvalho, filha da sr.ª D. Maria Leopoldina de Carvalho Costa e do sr. Alberto de Oliveira Carvalho, e o sr. Dr. Emídio Artur de Campos Fernandes (Sarrica), filho da sr.ª D. Maria Luísa de Campos Fernandes e do sr. Emídio Figueiredo Fernandes (Sarrica).

Presidiu à cerimónia o Rev.º Padre António Auguste de Oliveira, tendo servido de padrinhos: pela noiva, sua mãe e o sr. Carlos Branco de Carvalho; e, pelo noivo, a sr.ª D. Maria Rosa de Campos Calado e seu pai.

★ Ainda no pretérito domingo, na igreja de Pinheiro de Azere (Santa Comba Dão), efectuou-se o casamento da sr.ª D. Maria Rosa Dinis Antunes, filha da sr.ª D. Natália Pinto de Oliveira Antunes e do sr. Luís Dinis Antunes, com o prof. sr. Élio da Rocha Terrível, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Rocha Terrível e do sr. Ramiro Domingues Terrível.

Serviram de padrinhos: pela noiva, o sr. José Dinis Antunes de Araújo e sua esposa; e, pelo noivo, sua tia, sr.ª D. Maria de Lourdes Terrível, e o sr. Dr. José Luís Cravo Roxo.

Aos novos lares desejamos as melhores venturas

DOENTES

★ Acometido de doença súbita, encontra-se internado na Casa de Saúde da Vera-Cruz, desde o passado domingo, o sr. Manuel dos Reis Baptista, Agente em Aveiro do Banco de Portugal.

★ Também não tem passado bem de saúde o nosso dedicado colaborador Gaspar Albino.

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento

DESPEDIDA

Clemência dos Santos Vaz Gonçalves, retirando-se para a Venezuela e, não o podendo fazer pessoalmente, despede-se, por este meio, de todas as pessoas amigas e conhecidas.

AGRADECIMENTO

Completamente refeito da enfermidade que o forçou a estar internado, em tratamento, no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, Fernando Eduardo Antunes agradece, por este meio, a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde ou o visitaram.

Aveiro, 21 de Setembro de 1961

SALVÉ O DIA 29 DE SETEMBRO

Parabéns, sr.

Jesus Marques Saramago

A distância não separa os corações.

Aqui tem — nosso venerando pai — a expressão das felicitações sinceras de seus filhos Eduardo e Licínio.

— Que este dia se repita por muitos e bons anos, para que ainda possamos disfrutar do convívio da vossa querida quão saudosa companhia, num ambiente de paz e felicidade bem merecidas, são os votos de seus filhos, noras e neto, ausentes em Venezuela.

— Que nos perdoe que este dia não possa ser de inteira felicidade pela saudade tão profunda que o mancha, sentimento que nos obriga a enviar-lhe, destas longínquas paragens, um amplexo respeitoso e portador do muito que lhe queremos.

MAIS UMA VEZ, PARABÉNS!...

João Penha e o Dr. Melo Freitas

Conclusão da página três

— Imagina que lhe pedem
A despensa
Onde tem a salgadeira...

É igualmente digna de nota a sátira, em soneto, de admirável conceito, dirigida a um Dr. Pedro. Ei-la:

E vimos uma forma horrenda e bruta
Surgir do lado vil com gesto iroso,
Como outrora, no Cabo Tormentoso,
O velho Adamastor de barba hirsuta.

— «Qem és tu»? — Eu lhe disse. — «Bardo, escuta»,
(Bramiu com voz ingente e desdenhoso)
Eu sou no espaço infinito e luminoso
O verbo idial da estupidez corrupta.

«Na terra, sou um Penedo: e o mar violento,
O mar das ciências vãs da Humanidade,
Já quis vencer-me e foi baldado o intento!»

Disse. E ouvimos naquela obscuridade
O cântico dum trêmulo jumento:
— Era o preito da terra à Humanidade.

Anos volvidos, o mórbido poeta António Nobre também *«molhou a sua sopa»* no capelo desse Pedro, dedilhando assim a lira:

«... O' Pedro da minh'alma! Meu amigo!
Que feliz sou, bom velho, em estudar contigo!
Mal diria eu em pequenito, quando a ama,
Para me calar, vinha fazer-me susto à cama
Por ti chamava: Pedro! E eu sossegava logo,
Que eras tu o «Papão»! A ama de olhos em fogo
Imitava-te o andar, que não era bem de homem.
Eu tinha birras? — Aí vem o lobisomem!
Dizia ela. — Bate à porta! Truz! Truz! Truz!
E tu entravas, Pedro, eu via! Horror! Jesus!»

Aproveitei até aqui episódios da vida estudantil do boémio e grande poeta minhoto, na pitoresca cidade do Mondego.

Por ser muito conhecido, não fiz desenvolvida alusão ao duelo de versos satíricos, um dia travado entre ele e Junqueiro, numa parede da tasca do *Homem do Gás*.

Estou no ponto próprio para aludir à sua actuação no foro da Comarca de Braga.

Sem se considerar um escravo da Lei, foi João Penha um advogado inteligente e probo, que serviu numerosa clientela. Abria o escritório às 10 horas da manhã e fechava-o às 2 da tarde. Quem viesse depois, só seria atendido no dia seguinte.

À boémia de Coimbra sucedeu uma vida metódica e pacata, mas, mesmo assim, não deixou de usar, com elegância, o seu monóculo e de vestir frequentemente fato preto, calçando luvas da mesma cor.

Da sua vida de jurisconsulto, conta Alberto Pimentel este cómico acontecimento, a que o poeta não respondeu com a sátira, improvisada à sua maneira de Coimbra e em termos bocagianos, certamente para não perder o freguês, em prejuízo de seus interesses:

«Numa manhã, pelas 7 horas e em serviço profissional, João Penha ia a caminho do Bom Jesus do Monte. No *tramway*, sentava-se, a seu lado, um maçador e obeso demandão, que lhe gritava ao ouvido, para ele ouvir bem:

— O que eu quero — é ganhar a queston do rego. Por que, Sr. Doutor, no rego é que está a grande maroteira dela. (Ela era a parte contrária e tratava-se de uma de tantas questões de águas, muito frequentes no Minho).

De charuto ao canto da boca, monóculo no olho, imperturbàvelmente resignado e calado, João Penha olhava os outros passageiros e considerava-se certamente vítima do Direito, que legisla sobre regos e outras coisas mais e o obrigava a aturar, com paciência, aquele e outros indivíduos, de tão baixo estofo... Do Direito que ele, em Coimbra, satirizara com epigramas, nas aulas e nas tascas da *tia Maria Camela* e do *Homem do Gás*».

Ao regressar do Bom Jesus, apareceu-lhe um providencial amigo — Alberto Pimentel — no mesmo *americano* e que procurou logo livrá-lo das estúpidas impertinências do tal demandista, que continuava a acompanhá-lo e a maçá-lo. Intervindo na conversa, o escritor procurou desviá-la para o rumo da Literatura. E, pouco depois, conseguiu calar o homem... Mas, ao apearem-se do carro, no Campo de Santana, o cliente maçador insistiu:

— Sr. Doutor olhe que a **questom** *do rego da mulher tem furo...* **Num m'a avandone.**

Sorrindo, sem lhe ligar importância, João Penha despedia-se, recomendando a Alberto Pimentel:

— Não se esqueça de ler a «Nature», de Rollinat. E' soberba!

O que foi moço boémio e extraordinário poeta, fina flor da notável plêiade de estudantes literatos, de Coimbra do seu tempo, estava, então, sujeito, em Braga, na vida profissional, que se lhe seguiu, a aturar assim, resignadamente, sem epigramas cáusticos, à semelhança dos de Bocage, como seriam seus desejos, aqueles e outros caturras, que lhe pagavam...

«Ossos do ofício, que não há sem ossos...»

E... meus amigos, fica para o artigo seguinte, por este já ser longo, uma rápida análise à vida literária do nosso Dr. Joaquim de Melo Freitas.

Manuel Lavrador

Continuações da página cinco

Futebol

Campeonatos Distritais

I Divisão

A terceira ronda foi favorável aos grupos que se deslocaram — dois triunfaram e os restantes três obtiveram empates:

RECREIO, 1 - OVARENSE, 1
CESARENSE, 0 - CUCUJÃES, 0
LAMAS, 3 - LUSITÂNIA, 3
ESMORIZ, 1 - ARRIFANENSE, 8
ESTARREJA, 0 - V.-ALEGRE, 2

Mapa da classificação:

	J.	V. E. D.	Bolos	P.
Cucujães . .	3	2 1 -	8-2	8
Vista-Alegre	3	2 - 1	11-4	7
Recreio . . .	3	1 2 -	10-5	7
Arrifanense .	3	2 - 1	13-9	7
Lusitânia . .	3	1 2 -	7-6	7
Lamas . . .	3	1 1 1	7-8	6
Ovarense . .	3	1 1 1	6-8	6
Estarreja . .	3	1 - 2	2-4	5
Cesarense .	3	- 1 2	1-5	4
Esmoriz . . .	3	- - 3	3-17	3

Jogos para amanhã — Ovarense — Lamas, Cucujães — Recreio, Cesarense — Estarreja, Lusitânia — Esmoriz e Arrifanense — Vista-Alegre.

Reservas

★ Na *Série B*, o torneio inicia-se amanhã, com os desafios *Oliveirense — Alba* e *Feirense — Sanjoanense.*

★ Na *Série A*, a prova prosseguiu, com o jogo LAMAS, 1 — LUSITÂNIA, 2 — ficando a classificação assim ordenada:

	J.	V. E. D.	Bolos	P.
Lamas	3	1 1 1	7-3	5
Cucujães . . .	1	1 - -	3-1	3
Lusitânia . . .	1	1 - -	2-1	3
Arrifanense . .	1	- 1 -	1-1	2
Ovarense . . .	1	- - 1	1-3	1
Vista-Alegre .	1	- - 1	0-5	1

Amanhã, jogam *Ovarense — Lamas* e *Arrifanense - Vista-Alegre.*

Juniores

Oito clubes, repartidos em duas séries, iniciam, em 22 do próximo mês de Outubro, a fase preliminar do Campeonato Distrital de Juniores — cujo calendário de jogos oportunamente tornaremos conhecido.

Beira-Mar Leixões

curto espaço, respectivamente aos 4 e 6 m..

Sobre os 42 m., os aveirenses, fecharam a contagem, reduzindo a diferença com um golo alcançado por CORREIA, em posição que nos pareceu irregular.

A equipa de Matosinhos foi a mais esclarecida e desenvolta, mercê de um futebol rápido e intencional, que, contudo, não teve a consequente correspondência finalizadora, pormenor que veio a determinar que o triunfo dos rubro-brancos se consubstanciasse mercê de golos fortuitos e mais concedidos que conquistados.

Aos beiramarenses faltaram homens de meio-campo, que alimentassem convenientemente o sector dianteiro. Este, sem o necessário apoio, viveu desarticulado, sòmente de lances individuais de inspiração de Chaves ou de Paulino. Assim mesmo, e apesar da fragilidade dos seus componentes, o certo é que os avançados locais estiveram com manifesta *mala-pata* na finalização das jogadas — e fizeram mesmo brilhar Roldão, que se fez aplaudir numa série de magníficas paradas.

Nomes em evidência: no Beira-Mar, Liberal, Moreira, Chaves e Paulino; no Leixões, Roldão, Ventura, Oliveira, Raul I e Medeiros.

A arbitragem foi irregular.

★ No final, o Leixões recebeu a «Taça Liberal», cabendo ao Beira-Mar a «Taça Egas Salgueiro».

Beira-Mar — F. C. do Porto

pela experiência dos seus componentes, já pela diferença de potencial técnico, andamento e ritmo entre as duas equipas. No entanto, acreditamos no valor e no brio dos atletas beiramarenses, no ardor e na vontade postos na pugna, estando ao alcance da equipa um resultado que sirva as suas aspirações. Difícil, sem dúvida, mas nada impossível. Do trabalho global da equipa beiramarense, ressaltará o labor da linha média na marcação aos interiores contrários, e deste desfecho poderá sair a sorte do jogo.

Concluindo, estamos certos de que Beira-Mar e F. C. do Porto, muito embora em princípio de época, proporcionarão um bom espectáculo de futebol, de luta emocionante, viril, ardorosa, de autêntico campeonato, aos muitos milhares de espectadores que baterão todos os «records» de receitas no agora remodelado Estádio de Mário Duarte, que ainda vai ser pequeno para conter todos quantos desejem estar presentes.

E. DIAS

Festival Náutico

A encerrar, pelas 18.45 horas e pelas 19 horas, efectuam-se as típicas regatas de boteiras movidas a pás. Primeiramente, correm as tripulações femininas — na disputa de um prémio pecuniário de 100$00; depois será a vez dos homens, ganhando 150$00 a equipa que sair triunfadora. Aos elementos de todas as tripulações serão oferecidos emblemas do Beira-Mar.

Restará dizer que se aguarda que o público compareça em número elevado junto do Canal das Pirâmides — já que o festival se inicia após a realização do encontro Beira-Mar — F. C. do Porto.

Por equipas, a classificação ficou assim ordenada:

1.º — Sangalhos, 9 pontos; 2.º — Rimarte, 24; 3.º — Oliveirinha, 30; 4.º — Águias, 43.

O vencedor desta época, Acácio Francisco Ribeiro, foi um magnífico triunfador, já que ganhou todos os prémios especiais — montanha, volta mais rápida e maior número de voltas (oito).

De salientar, ainda, que o segundo classificado — o bairradino Egídio Samelo — se notabilizou igualmente, tendo concluído a prova destacadamente, e apenas sendo batido no *sprint* final pelo ciclista do F. C. Oliveirinha, de quem foi sempre o mais directo competidor.

Festival Desportivo em Ílhavo

À semelhança dos anos anteriores, o Illiabum Clube leva a efeito no próximo dia 1 de Outubro, pelas 15 horas, no Estádio Municipal de Ílhavo, mais um excelente Festival Desportivo em que colabora graciosamente o Clube de Futebol «Os Belenenses», com o seu cinco de honra de Basquetebol e as suas magníficas patinadoras Céu Maria Pires e Maria Helena Colaço.

Em complemento do programa, haverá um desafio de hóquei em Patins entre o Illiabum e uma equipa a designar oportunamente.

Anúncio

2.ª Publicação

Por este meio se faz público que até ao próximo dia 1 de Outubro, na Rua de João Mendonça, n.º 31 - 1.º, desta cidade de Aveiro, se recebem propostas em carta fechada, dirigidas e endereçadas ao Administrador da massa falida de *Alexandrino Martins da Costa*, para a compra em conjunto, dos bens arrolados para a referida massa falida, por vender, os quais constam de artigos de modas, tecidos, peças em malha de lã e outros artigos.

O mesmo Administrador presta todas as informações.

Aveiro, 11 de Setembro de 1961

O Administrador da massa falida
Manuel da Cruz e Sousa

Ecos do Andebol

uma equipa jovem, é certo, mas intencional e bem escalonada. Depois, talvez por influência do sorteio dos jogos — teve de defrontar de entrada os mais cotados — foi-se apagando para terminar em plano modestíssimo. E foi pena, porque o Galitos, pelo seu prestígio e pelo carinho que tem votado à modalidade, bem merecia lugar de mais destaque.

Amoníaco e Avanca equivaleram-se e foram, sem dúvida, as equipas mais fracas. Anote-se, contudo, que, quer uns, quer outros, interessados simultâneamente no campeonato de basquetebol, foram obrigados, por falta de elementos, a dividirem a actividade pelas duas secções, o que lhes tirou, como é óbvio, muitas possibilidades.

A Associação Regional fez ainda disputar pela primeira vez o Campeonato de Juniores, cujo vencedor, brilhante e indiscutível, foi também o Beira-Mar. O outro concorrente — a Académica de Coimbra — quedou-se em plano modesto, relativamente ao antagonista; mas, pelo que nos foi dado apreciar, há que contar, futuramente, com os briosos estudantes.

Lamentável a desistência do Atlético Vareiro, que não apresentou razões plausíveis para a sua atitude.

Fazemos votos para que na próxima época possamos ver mais clubes interessados neste torneio, de inegável interesse para a propaganda e o futuro do andebol.

Ainda uma palavra para a prova denominada «Taça António Lamoso», que foi organizada pelo Sporting Clube de Espinho, de colaboração com os demais concorrentes e a entidade regional.

Mais uma vez os aveirenses do Beira-Mar foram os vencedores, sendo de realçar que tiveram de defrontar, na final, o adversário no seu próprio ambiente.

Ao fim e ao cabo, o trofeu ficou bem nos amarelo-negros, pois, como se sabe, o saudoso atleta foi o primeiro guarda-redes que o Clube possuiu, quando, estudante, se fixou em Aveiro.

Finalmente, uma saudação para os árbitros que, apesar de muitas e variadas falhas, procuram cumprir e justificar a confiança que os dirigentes neles depositaram.

Joaquim Duarte

Xadrez de Notícias

da Covilhã e «pertencia» ao Sporting. Ao mesmo tempo, os beiramarenses desinteressaram-se do brasileiro Almir, que na terça-feira saiu de Aveiro, juntamente com José da Gama, conhecido empresário de futebol e Presidente do Madureira.

O desafio de futebol Beira-Mar - F. C. do Porto, que amanhã se realiza em Aveiro, será dirigido pelo trio de arbitragem formado por António Ferreira dos Santos, Álvaro Rodrigues e António Lopes da Rosa, de Coimbra.

As equipas aveirenses chefiados por Edmundo Carvalho e José Porfírio dirigem, respectivamente, os jogos Leixões - Benfica (I Divisão) e Feirense - Sanjoanense (II Divisão).

No passado domingo, de manhã, e em pleno Canal Central, realizaram-se os Campeonatos Regionais de Natação da Mocidade Portuguesa, que reuniram a presença de cerca de 30 concorrentes.

Oportunamente publicaremos a relação dos resultados obtidos.

A Ovarense recebeu mais um novo elemento oriundo da Académica: trata-se de Joseph Wilson, que já alinhou no domingo, em A'gueda, pela turma vareira.

Assuntos dos Jornais e Assuntos Locais

Continuação da primeira página

no» me louvou e os srs. Ministro do Interior e Presidente do Conselho me escreveram cartas autográficas de louvor e de consideração e de reconhecido agradecimento pela minha lealdade política e pelos serviços por mim prestados!

Esperei pacientemente pelo ensejo de tratar em público estes assuntos camarários e de interesse local e esse ensejo chegou com as notícias fornecidas aos jornais pela presidência da Câmara e com a apresentação do plano de actividades para 1962, há poucos dias aprovado pelo Conselho Municipal, que não fez mais do que aprovar ao actual Presidente da Câmara o que já tinha aprovado ao seu antecessor.

O empréstimo de 10 000 contos foi incluído pelo sr. Engenheiro Mascarenhas no plano de actividades ou suas bases do orçamento para o ano futuro, o que está certo, visto que o mesmo empréstimo tinha sido aprovado pelo Conselho em 1960 e essa aprovação não tinha sido revogada.

Isto é, o actual sr. Presidente da Câmara, a actual Vereação e o actual Conselho Municipal reconheceram, e muito digna e sensatamente, que o empréstimo já previsto em 1959 e pedido em 1960 continuava a ser necessário. E por assim o reconhecerem, mantiveram para 1962 a linha em que se caminhava e que era a do programa da actividade municipal ùltimamente vigente, devendo notar-se que essa linha não é, afinal, a *linha ática* (!!!) de que o sr. Dr. Jaime da Silva falou, referindo-se ao ciclo do sr. Dr. Sampaio, e que queria que o sr. Engenheiro Mascarenhas agora imitasse ou seguisse, como se houvesse *linhas áticas* na administração municipal e como se fosse possível, nos velozes tempos modernos, andar para trás no tempo como o caranguejo parece que anda sobre a areia e sobre a lama das praias!

Ora acerca do empréstimo, já os jornais tinham publicado, em Agosto último, uma nota oficiosa do novo Presidente que dizia assim: «*A Câmara continua em diligências para que, pelo Ministério das Finanças, seja autorizada a contrair um empréstimo de 10 000 contos destinado a trabalhos de interesse concelhio*».

Dando essa notícia em Agosto, um dos diários de Lisboa comentava (certamente pela aveiríssima pena do seu distinto correspondente nesta cidade) nos seguintes termos:

«*Muito nos congratulamos com o prosseguimento destas deligências e fazemos votos pela breve concessão deste empréstimo que, apesar do interesse que nele vem pondo o Município há mais de um ano, há bastante tempo vem sendo protelado, com evidente prejuízo para a cidade, como o demonstra a disposição aqui de novo revelada pela edilidade para a sua necessária obtenção.*»

Pela minha parte, e como munícipe e aveirense, também me congratulo. Mas o que é triste verificar, é que o empréstimo tem sido protelado e *com evidente prejuízo para a cidade*.

Disse, pois, muito bem o digno correspondente do diário lisbonense sobre este caso, visto tratar-se de um empréstimo para melhoramentos locais reconhecidamente importantes e necessários, como muito bem tinha dito na Assembleia Nacional, em Abril de 1957, o deputado sr. Coronel Gaspar Ferreira sobre a rodovia de comunicação oriental da cidade a passar pelo Cojo, há cinco anos demorada em projecto e sem a qual *Aveiro seria*, como está a ser, *fortemente prejudicada*...

* * *

Que o empréstimo municipal foi empecilhado e tem sido lamentàvelmente protelado em detrimento da acção municipal e do interesse público, não há dúvida nenhuma. Forças subterrâneas e ocultas vindas da política pessoal conspiraram contra ele.

No entanto, posso assegurar que no Ministério das Finanças não havia em 1960 qualquer má vontade contra Aveiro e a sua Câmara. Bem pelo contrário, a Câmara de Aveiro e os seus assuntos e problemas e a pessoa do seu Presidente tinham ali a melhor aceitação e o melhor acolhimento.

O sr. Ministro das Finanças, Professor António Pinto Barbosa, estivera em Aveiro no dia 2 de Fevereiro de 1958, encontrando-se aqui com o sr. Ministro das Obras Públicas que procedia a uma visita de trabalho, acompanhado pelos srs. Directores Gerais da Urbanização e dos Edifícios e Monumentos Nacionais e por vários técnicos do Ministério.

Nessa visita amistosa, e nessa companhia, o sr. Ministro das Finanças inteirou-se dos planos e projectos de obras que então se previam e promoviam e ficou a saber e a compreender que a Câmara de Aveiro carecia de empréstimos de certo vulto e de substanciais auxílios governativos.

Era evidente que sem empréstimos e sem auxílios governativos, como já a *linha ática* do sr. Dr. Sampaio o tinha confessado, a cidade não poderia proceder à sua remodelação urbanística, nem fazer as obras e melhoramentos que se tornam indispensáveis ao exercício das suas novas funções portuárias, comerciais e de vivença, nem às exigências da expansão que, já desde há anos, dominam as directivas da moderna vida local e regional.

Assim, quando a Câmara, sob a minha presidência, pediu autorização para comprar, por pagamentos diferidos e por mera força das suas receitas ordinárias, os terrenos da Rua do Cabouco e da Rua das Pombas e de S. Tiago, que importaram em mais de 1 500 contos, essas autorizações, que eram formalmente necessárias, foram prontamente dadas.

Prontamente atendidos pelo sr. Ministro das Finanças, foram também os pedidos de subsídios para as publicações culturais do Milenário, em 1959.

E quando se solicitaram os empréstimos de 2 500 contos, de 13 de Fevereiro de 1958, para os Transportes Colectivos; de 6 100 contos, de 29 de Agosto do mesmo ano, para o pagamento no Tribunal (onde a Câmara tinha sido condenada) do preço da expropriação feita pelo sr. Dr. Álvaro Sampaio, dos terrenos de entre Liceu e Escola Industrial (perto de mil e duzentos contos) e dos outros necessários para o prolongamento da Avenida de Salazar até ao Museu, bem como para outras despesas de urbanização e construção dos novos Armazéns Gerais; como quando se pediu o empréstimo de 4 000 contos, de 14 de Outubro de 1959, para o saneamento — nunca se encontraram dificuldades no Ministério das Finanças e tudo foi ràpidamente deferido.

* * *

Em 1960, é o facto, a Câmara deliberou contrair o empréstimo de 10 000 contos, no uso das suas atribuições legais e dentro das suas possibilidades financeiras e em perfeita harmonia com a programação dos seus trabalhos. Destinava-se esse empréstimo à construção do novo matadouro, à aquisição de prédios e terrenos necessários à urbanização, alguns dos quais já estavam negociados, à construção das casas para os magistrados da Comarca e à construção do edifício projectado para a Secção de Finanças e Tesouraria da Fazenda Pública, Serviços Culturais, Biblioteca e Turismo, a erguer na Praça da República, no lugar dos feios prédios que a Câmara lá possui, dois dos quais foram comprados e pagos sob a minha presidência.

Aprovada essa operação de crédito pelo Conselho Municipal e observando-se as normas legais, organizou-se na Secretaria o respectivo processo e este, com toda a documentação exigida, foi remetido, como é obrigatório, ao sr. Governador Civil, pedindo-se-lhe que o enviasse ao Ministério das Finanças a fim de se obter a necessária aprovação e poder haver seguimento na Caixa Geral dos Depósitos.

O pedido da Câmara devia entrar no Ministério das Finanças até ao fim de Setembro, sem o que não poderia ser considerado.

Pois o que aconteceu, é que o sr. Governador Civil reteve o pedido, não enviando os documentos ao sr. Ministro das Finanças, sem disto avisar a Câmara, nem dar ou pedir a mais simples explicação.

Nos fins de Outubro, resolveu-se em reunião da Vereação que fosse o Presidente a Lisboa verificar no Ministério das Finanças se tudo estava em ordem relativamente ao empréstimo ou se seria necessário qualquer esclarecimento ou mais algum documento.

E fui com o Chefe da Secretaria ao Ministério das Finanças. Foi então que verificámos ali, com desagradável surpresa, que o pedido da Câmara de Aveiro não tinha dado entrada no Ministério nem dele havia lá qualquer conhecimento.

O sr. Governador Civil ficara com o processo na sua mão, não o remetendo ao Ministro das Finanças, como era seu estrito e curial dever!

* * *

O procedimento do sr. Governador Civil constituiu um flagrante abuso de poder e uma autêntica ilegalidade. Efectivamente, nenhuma lei confere ao Governador Civil do Distrito o direito de proceder como procedeu o sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, que devia ser responsabilizado pelo acto arbitrário que praticou em manifesta oposição aos princípios legais que regulam o funcionamento dos corpos administrativos e ao respeito e à lealdade a que têm direito todos aqueles que servem nas autarquias locais.

Contudo, não se armou escândalo à volta do incidente nem se provocou conflito por parte da Câmara: — pediu-se, diplomática e pacientemente, a possível reparação, e o processo subiu ao Ministério das Finanças, em circunstâncias políticas desfavoráveis. Porém, o que é espantoso, é que depois de assim proceder e de sabermos perfeitamente que sempre tentou impedir o empréstimo, o sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva tenha vindo acusar-me de *desarticular a panorâmica e de deixar tudo no inacabado, no esboço e no anseio a esbarrar contra a restinga inamovível da disciplina da administração!*

Ora na disciplina da administração que rege as câmaras municipais e que está expressa nas leis, nos regulamentos, nas portarias e nas instruções superiores, mas especialmente no Código Administrativo, não há restingas.

E contra as regras e as cominações da legislação ou os diplomas e as instruções superiores ou contra decisões dos tribunais, não bateu nunca nem uma só das deliberações da Câmara Municipal de Aveiro sob a minha presidência, nem aconteceu nada de parecido com o que sucedeu no Grémio da Lavoura de Estarreja, sob a presidência do actual Governador Civil de Aveiro.

O que sucedeu é que, contra os interesses do nosso Município, algumas das deliberações legalmente tomadas pela Câmara como a do empréstimo, sobreveio uma indisciplina da administração derivada da atitude ilegal e arbitrária e tendenciosamente política do sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva.

Eu não sou político, nem a baixa política de qualquer forma me preocupa; mas daqui digo aos superiores responsáveis pela política da Situação: mal vai a toda a política que nos tempos actuais consente que se pratiquem actos como os que no caso da Câmara de Aveiro aqui tem praticado o sr. Governador Civil do Distrito!

Alberto Souto

Litoral na DELFÍADA de COIMBRA

equipa de reportagem | MARGARIDA DE CARVALHO | ANTÓNIO LEOPOLDO | GASPAR ALBINO

VIII delfíada

Quaisquer que venham a ser os frutos que dela resultem para o Teatro Universitário em particular e para o Teatro Português em geral, uma coisa é já certa e incontestável da VIII Delfíada que acaba de se realizar no Teatro de Gil Vicente das novas instalações da Associação Académica de Coimbra:—Ela foi, pela qualidade e pela quantidade, o maior festival dramático levado a efeito entre nós, e pôde dar aos chamados «homens de teatro» (—mas teriam os «homens de teatro» dado por isso?...—) uma série de espectáculos rara em qualquer parte do Mundo e nunca até hoje sequer tentada na nossa terra: quatro tragédias gregas (com a Trilogia de Ésquilo quase completa), uma comédia latina, uma tragédia clássica francesa (em versão sueca), e a melhor moralidade medieval inglesa.

Há agora que estudar os problemas—de encenação e outros—que as diferentes representações suscitam, e que meditar a lição recebida. Isso terá o público interessado—felizmente tão numeroso!—que o fazer, libèrrimamente e de ânimo limpo, com gosto e com cultura.

Para a juventude portuguesa eu deixo aqui traduzidas as palavras do helenista da Sorbonne, Prof. F. Robert, presidente francês do Instituto Délfico em sucessão do Prof. G. Cohen, escritas ao abandonar Coimbra após as quatro primeiras representações:

«...A finalidade própria da Delfíada está já atingida desde agora, pois se pode já dizer (...) que ela constitui uma manifestação artística de altíssimo valor; e estou certo de que os dois espectáculos seguintes confir-

Continua na página quatro

Palavras do PROF. DOUTOR PAULO QUINTELA

MOMENTOS depois do encerramento da VIII Delfíada, com o cair do pano sobre o palco onde acabara de representar-se a moralidade de «Everyman» e ainda profundamente emocionados com aquela magistral lição de arte dramática que fora a actuação dos jovens do grupo inglês «The Selwyn College Mitre Players» dirigimo-nos para os camarins. Deparámos com a alegre confusão que sempre acompanha o fim dum espectáculo nos bastidores, onde todos se cruzam atarefados. Depois de cumprimentarmos o Dr. Paulo Quintela e de, com a oferta de alguns exemplares do nosso jornal, o termos de algum modo compensado da «simplicidade ática» com que os jornais de Coimbra se haviam referido àquele acontecimento, subimos as escadas que conduzem ao bar, transformado em ampla sala de convívio onde os componentes dos diversos grupos dançavam, conversavam e confraternizavam pela última vez. Algaraviada de conversas em todas as línguas, o pitoresco de tipos físicos e de indumentárias diferentes, o ruído ensurdecedor da música—enfim, um ambiente de camaradagem aberta, onde, a par da alegria, talvez se cimentassem amizades ao esboçar dos primeiros saudades.

Abordámos, em momento oportuno, Sven Evander, um jovem sueco que soube interpretar de maneira marcadamente expressiva e incisiva a figura de Pyrro na tragédia «Andrómaca», de Racine. Embora o facto de estarmos a entender-nos ambos numa língua que não era a nossa—o inglês—fosse em parte obstáculo à espontaneidade que é sempre de desejar numa troca de impressões, ele em nada contribuiu para que se perdesse, de parte a parte, a mínima *nuance* de compreensão nas perguntas e respostas. Sabíamos já que o Göteborgs Studentteater era um grupo

Continua na página 4

Falando com o Director Artístico do Groupe de Théatre Antique de la Sorbonne

JEAN PIERRE MIQUEL

Ainda tínhamos nos ouvidos as últimas palavras do Prof. Doutor Paulo Quintela proferidas no término desta Delfíada de Coimbra, a tantos títulos notável. A equipa de reportagem do LITORAL fragmentou-se, como não poderia deixar de ser. Missão a cumprir é dever que se não compadece com conversas de amigos. E cada um de nós tinha a sua missão a cumprir.

O nosso camarada António Leopoldo, rolo de jornais debaixo do braço, lá foi à procura do Director Artístico do T. E. U. C. e de Mr. RAEBURN, mentor do grupo de Cambridge.

Pelo nosso lado, tínhamos de encontrar, custasse o que custasse, o já conhecido Jean Pierre Miquel, Director do grupo da Sorbonne.

As razões eram evidentes. Os seus rapazes tinham provocado as mais desencontradas críticas, e o espectáculo que tinham ofertado ao público atento que enchia o maravilhoso TEATRO DE GIL VICENTE fora daqueles que mais forte impressão tinha deixado em toda a assistência.

A ousadia da encenação, a maestaia dos actores, a utilização diferente dos coros—atrairam e concitaram as atenções gerais.

Por isso tornava-se-nos imperativa uma pequena troca de palavras com Jean Pierre Miquel. Encontrámo-lo no salão de convívio. E foi bebericando uma cerveja que nos conhecemos: Jean Pierre Miquel, estudante universitário, director artístico do grupo francês. Mostrámos-lhe o LITORAL da semana passada, dissemos o que pretendiamos e a conversa estabeleceu-se, calma e sem atritos. A Delfíada de Coimbra estava chegada ao seu termo e queríamos saber o que dela pensava:

—A organização, a todos os títulos notável (e esta não é só a minha opinião), fez desta Delfíada se não a melhor uma das melhores em que tenho participado. No que respeita ao nível artístico, tenho a dizer que para mim foi uma autêntica surpresa.

Não há dúvida de que atingiu a craveira de excelente, o que demonstra a real categoria deste VIII FESTIVAL IN-

Continua na página 4

NA abertura da VIII Delfíada, na noite do passado dia 9, o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra levou à cena a ANTÍGONA, de Sófocles.

Aquele notável agrupamento universitário de Teatro—que Aveiro já teve o grato ensejo de apreciar e de aplaudir—representou a célebre tragédia grega, recentemente, num espectáculo realizado no castelo de Montemor-o-Velho.

A gravura que abaixo hoje publicamos oferece-nos um momento da representação da ANTÍGONA no cenário maravilhoso do castelo da citada vila.

Falando com o sr. MOINARD

INSPECTOR GERAL DA JUVENTUDE E DOS DESPORTOS DE FRANÇA

Sabíamos que o sr. Moinard, responsável elemento do grupo francês, se encontrava em Coimbra. Inspector Geral da Juventude e dos Desportos de França, era pessoa que nos poderia dar uma opinião segura e abalizada sobre a Delfíada de Coimbra, como festival juvenil.

E a sua opinião veio espontânea e franca:

—Mais uma vez, meu caro, os délficos que se reuniram nesta vossa tão bela cidade souberam bem viver e interpretar o espírito que o Prof. Leyhausen procurou imprimir a estes festivais de Teatro. Penso que os jovens, que em comum viveram toda

Continua na página 4